

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

IARA ROCHA BARROS

**AS INTERFACES ENTRE SOFRIMENTO PSÍQUICO E GÊNERO:
UMA REVISÃO DE ESCOPO**

**SÃO CARLOS
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

IARA ROCHA BARROS

**AS INTERFACES ENTRE SOFRIMENTO PSÍQUICO E GÊNERO:
UMA REVISÃO DE ESCOPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Departamento de Terapia
Ocupacional da Universidade Federal de São
Carlos para obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Sabrina Helena Ferigato
Co-Orientadora: Ma. Bárbara de Fátima Depole

**SÃO CARLOS
2022**

Dedicado às mulheres do fim do mundo e em memória de Elza Soares (1930-2022) que, em vida, sempre acreditou e lutou por um mundo melhor para as mulheres, em especial às mulheres pretas, pobres, mães e travestis. Sua voz vai ecoar até o fim nessa luta.

“A mulher dentro de cada um não quer mais silêncio, psiu
A mulher de dentro de mim cansou de pretexto
A mulher de dentro de casa fugiu do seu texto
E vai sair de dentro de cada um
A mulher vai sair e vai sair de dentro de quem for
A mulher é você
De dentro da cara a tapa, de quem já levou porrada na vida
De dentro da mala do cara que te esquartejou, te encheu de ferida
Daquela menina acuada que tanto sofreu e morreu sem guarida
Daquele menino magoado que não alcançou a porta de saída
E vai sair de dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair de dentro de quem for
A mulher é você
A mulher dentro de cada um não quer mais incenso
A mulher de dentro de mim cansou desse tempo
A mulher de dentro da jaula prendeu seu carrasco
E vai sair de dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair de dentro de quem for
A mulher é você
De dentro do carro do moço que te maltratou e pensou que era fácil
De dentro da ala das loucas vendendo saúde a troco de nada
Daquela mocinha suada que vendeu o corpo pra ter outra chance
Daquele mocinho matado jogado no canto por ser diferente
E vai sair de dentro de cada um
A mulher vai sair
Sou eu, a mulher sou eu”

(DENTRO DE CADA UM, 2018)

AGRADECIMENTOS

Minha família é feita de grandes e muitas mulheres. Meus bisavós, Manuel e Maria tiveram quatro filhas e sempre reforçaram para elas a importância de estudar. Meus avós, Thiers e Ana Maria, têm três filhas (minha mãe Adriana e minhas tias Carol e Raquel) e duas netas (eu e Gabi). Mesmo eles sendo de uma época cuja as mulheres ocupavam ainda menos espaços acadêmicos e de trabalho remunerado em comparação à hoje, sempre estimularam todas nós a estudarem, a fazerem faculdade e a irmos atrás dos nossos sonhos por meio da educação. Então, não poderia começar meus agradecimentos de ter chegado até em aqui sem mencionar todos vocês. Um beijo especial para meus padrinhos, Cristina e Eduardo, que também sempre defenderam e defendem a permanência da sua filha e sobrinhas na Federal. Obrigada! Eu amo vocês!

Além da minha família, gostaria de agradecer as mulheres da Terapia Ocupacional, das quais me sinto eternamente grata de dividir essa profissão. Primeiramente à minha orientadora e co-orientadora, Sabrina Ferigato e Bárbara Depole, que embarcaram na minha inquietação e me ajudou a transformar nessa pesquisa que adorei fazer. E às mulheres da minha turma, que desde 2017 temos crescido juntas como profissionais, ajudando umas às outras, desabafando, rindo. Eu amo ter entrado na nossa turma! Clara, Nana, Carlinha, Flor, Giu, Erv, Pugli e Let, em especial! Vocês são incríveis e amo vocês! Vou recomendá-las como futuras TOs para todo mundo que eu conheço!

Por fim, gostaria de agradecer às mulheres da minha república, que também tenho um carinho e uma admiração enorme. Todas vocês, com suas vivências, desabafos e lutas, mas também com histórias engraçadíssimas. Minha experiência em São Carlos teria sido completamente diferente se eu não vivesse com vocês (e acredito que não seria tão boa quanto foi). Maysa, Gre, Lissa, Sara, Thaís, Vitória, Mari, Moana, Brubs, Volts e Audrey, eu amo vocês! Obrigada por terem me recebido, me acolhido e me apoiado tanto. Vocês são minha segunda família.

Meu TCC tem um pouquinho de mim e de cada uma de nós. Eu escrevia um parágrafo e lembrava de alguém, lia um artigo e lembrava da história de outro alguém. Vocês foram minha inspiração e a minha motivação para pensar que nossos sofrimentos, inseguranças e feridas têm porquês. Espero que estejamos cada vez mais próximas e próximos de mudar isso.

Obrigada UFSCar e obrigada Departamento de Terapia Ocupacional! Viva as mulheres na ciência e viva as trabalhadoras do SUS!

RESUMO

O gênero não se caracteriza somente como algo puramente biológico, pois este determina papéis, experiências e maneiras simbólicas de como os indivíduos devem se apresentar ao mundo e é identificado por ele. As relações de gênero produzem e reproduzem práticas hierárquicas e assimétricas que marcam a inferioridade das mulheres em diversas esferas do seu cotidiano, podendo restringir seu acesso ao trabalho, à cultura, ao controle do próprio corpo e à tomada de decisões. Essas relações desiguais podem causar situações de violência e conflitos, gerando sofrimento e adoecimento psíquico às mulheres. Levando em consideração que o impacto do adoecimento e sofrimento psíquico no cotidiano causa uma ruptura na vida dos sujeitos, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo mapear as produções brasileiras acerca da temática de sofrimento psíquico e gênero, identificar os principais temas que compõem essa temática e analisar os estudos acerca do sofrimento psíquico da mulher, a partir de uma revisão de escopo. A revisão de escopo consiste em um mapeamento do que é relevante na literatura, com o objetivo de sintetizar o conhecimento sobre o tema investigado. A pergunta da pesquisa foi: “O que os estudos em português trazem acerca da saúde mental das mulheres?” e a base de dados escolhida foi a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), com os descritores “(saúde mental) OR (sofrimento mental) AND (mulheres)”. A partir dos critérios de seleção e exclusão de artigos, foram selecionados um total de 59 artigos para a análise. Os resultados quantitativos referem a data de publicação dos artigos, a localização geográfica, o serviço de saúde envolvido na pesquisa e se o artigo se tratava de um relato de experiência de intervenção ou de aspectos estatísticos acerca do diagnóstico e sofrimento psíquico das mulheres. Em relação aos resultados qualitativos, foram encontrados como principais temas: o cotidiano familiar e de trabalho, os determinantes sociais da diferença combinados ao gênero, sendo eles: raça, etnia, classe social, sexualidade e identidade de gênero e o sofrimento relacionado ao seu próprio adoecimento. Conclui-se que os fatores relacionados ao sofrimento psíquico das mulheres são plurais e com influências socioculturais. Outro ponto encontrado é a grande maioria de publicações terem o foco nos fatores de sofrimento em contraposição às estratégias de cuidado.

Palavras-chave: saúde da mulher, saúde mental, gênero.

ABSTRACT

Gender is not characterized only as something purely biological, because it determines roles, experiences and symbolic ways in which individuals must present themselves to the world and are identified by it. Gender relations produce and reproduce hierarchical and asymmetrical practices which determines the inferiority of women in different spheres of their daily lives, restricting their access to work, culture, control over their own bodies and decision-making. These unequal relations can cause situations of violence and conflicts, generating suffering and psychological illness to them. Considering that the impact of mental illness and suffering in everyday life causes a rupture in people's lives, this undergraduate thesis aims to research Brazilian productions on psychological suffering and gender, to identify the main subjects that make up this theme and analyze studies through a scope review. The scope review consists of a mapping of what is relevant in the literature with the objective of summarising the knowledge of the investigated topic. The research question was: "What do studies in Portuguese bring about women's mental health?" and the database was the *Biblioteca Virtual de Saúde (BVS)*, with the descriptors "*(saúde mental) OR (sofrimento psíquico) AND (mulheres)*". A total of 59 articles were selected for analysis. The quantitative results referred to: the date that the articles were published, the geographic location, the health service involved in the research and whether the article was an intervention experience report or a statistical aspect about the diagnosis and psychological distress of women. About the qualitative results, the following main themes were found: the family and work routine, the social determinants of difference combined with gender being: race, ethnicity, social class, sexuality and gender identity and the suffering as a result of illnesses. It is concluded that there are many factors related to women's psychic suffering which may have sociocultural influences. Another point found was that the vast majority of publications focused on suffering factors as opposed to care strategies.

Key-words: women's health, mental health, gender

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ano de publicação dos estudos.....	32
Figura 2: Publicações por região do Brasil.....	33
Figura 3: Nível de atenção à saúde envolvido nos estudos	33
Figura 4: Principal objetivo dos estudos em relação a Diagnóstico x Intervenção.....	34
Figura 5: Tipo de intervenção utilizada no estudo	34
Figura 6: Proporção das principais temáticas que envolvem a saúde mental da mulher encontrada nos estudos	45
Figura 7: Nuvem de palavras acerca dos principais temas encontrados nos estudos.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Revisão de Escopo - Procedimentos metodológicos	18
Tabela 2: Distribuição dos estudos a partir de dados quantitativos	21
Tabela 3: Distribuição dos estudos a partir do nome do estudo e dos dados qualitativos.....	35

LISTA DE SIGLAS

- AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- APS – Atenção Primária à Saúde
- BVS – Biblioteca Virtual de Saúde
- CAISM - Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher
- CAPS II – Centro de Atenção Psicossocial II
- CID – Classificação Internacional de Doenças
- CONASEMS – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde
- CTI – Centro de Tratamento Intensivo
- DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
- DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis ¹
- EM – Estresse de Minorias
- ESF – Estratégia Saúde da Família
- FM - Fibromialgia
- HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LGB – Lésbicas, Gays e Bissexuais
- LGBTT - Lésbicas, Gays e Bissexuais, Transexuais e Travestis
- OMS – Organização Mundial de Saúde
- ONG – Organização não governamental
- PEFI – Programa de Educação Física para Idosos
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- RAS – Rede de Atenção à Saúde
- SB – Síndrome do Burnout
- ST – Satisfação no Trabalho
- TARV – Terapia Antirretroviral
- TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação
- TMC – Transtornos Mentais Comuns
- TS – Transtorno Somatoforme
- UBS – Unidade Básica de Saúde
- USF – Unidade Saúde da Família

¹ Termo modificado para ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Reflexões acerca do gênero	12
Saúde mental: articulação e impactos	13
OBJETIVOS.....	17
Objetivo Geral.....	17
Objetivos Específicos	17
METODOLOGIA.....	17
Procedimentos metodológicos	18
RESULTADOS	20
5.1 Dados Quantitativos.....	20
5.2 Dados Qualitativos.....	34
DISCUSSÕES	52
6.1 Gênero e Trabalho	52
6.2 Adoecimento das mulheres e o papel da cuidadora: quem cuida de quem cuida?	55
6.3 As vulnerabilidades como produtoras de sofrimento psíquico	57
6.4 O sofrimento psíquico e a rede de atenção à saúde mental da mulher	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	69

INTRODUÇÃO

Reflexões acerca do gênero

Os estudos acerca do gênero eram realizados a partir do pressuposto de que era natural e de práxis que homens e mulheres ocupassem o lugar de dominação e de submissão, respectivamente, em diversas sociedades (BENTO, 2006). Em concomitância, essas determinações dos gêneros possuíam também um forte viés biológico, em que o masculino e feminino eram classificados a partir de suas diferenças sexuais e corporais (ARAÚJO, 2005).

Segundo Araújo (2005), nas últimas décadas, com o advento da literatura feminista, os estudos sobre os gêneros começaram a relacionar-se com aspectos culturais e sociais de uma maneira mais crítica. Jean Scott (1995), opta por privilegiar o termo “gênero” em decorrência de “sexo” ou “diferenças sexuais” para ir em contraposição ao viés biológico. Outro termo utilizado pela autora é “relações de gênero”, pensando que os diferentes corpos coexistem de maneira relacional em suas vivências. Os diferentes impactos causados pela interação e relação entre estes é um fator fundamental para a discussão acerca dos papéis e desigualdades de gênero.

Bento (2017) é uma das estudiosas contemporâneas que são contrárias à ideia do gênero como algo natural, inato e de que cada gênero possui suas determinações intrínsecas. O gênero é entendido pela sociedade a partir de duas dimensões: a primeira é a **dimensão invisível**, que diz respeito às subjetividades e emoções de cada pessoa. Esse conceito explica as atribuições e estereótipos de emoção diretamente associado às mulheres e de razão aos homens, por exemplo. Porém, para a autora, “a ideia de subjetividades polarizadas é insustentável. (...) não há estabilidade suficiente para afirmar que há uma subjetividade típica para cada gênero”, ou seja, o imaginário social define as mulheres como pessoas frágeis e sensíveis, porém isso não se relaciona com a realidade (BENTO, 2017, pp. 241).

A segunda é a **dimensão visível**, que diz respeito à maneira em que a pessoa se apresenta ao mundo, como ela se externaliza, como ela é “identificada”. Há o reconhecimento de quem é homem e de quem é mulher porque temos construções coletivas e sociais do que é ser homem e do que é ser mulher. E esses fatores independem do órgão sexual (BENTO, 2017).

E com os gêneros? Por que não temos (...) estranhamento quando escutamos pérolas como: “homem não chora”, “só podia ser coisa de mulher”, “sente-se como uma menina”? Se fosse natural, ninguém precisaria ensinar. O gênero é como a língua. Em determinado momento, por tantas repetições, parecerá que você nasceu sabendo falar. Toda a historicidade é apagada pela incorporação – (BENTO, 2017, p. 242)

Ou seja, o gênero é um conceito construído socialmente. É a maneira de lidar com a diferença sexual construída culturalmente através de um conjunto de práticas e de discursos que refletem em papéis hierárquicos e assimétricos. Existem práticas de dominação e de controle que sustentam essas construções sociais e elas possuem grande impacto na produção de subjetividade e de identidade tanto de mulheres quanto de homens (BENTO, 2017; TESTA; SPAMPINATO, 2010)

De um lado, os homens que norteiam suas ações por objetividade, atuação, individualização, isolamento, solidão, por um modelo cognitivo analítico; do outro, a mulher, caracterizada pelo comportamento comunal, pela cooperação, pelo subjetivismo, pelo modelo comportamental relacional. Cada um ocupa uma posição que fica dentro da estrutura hierarquizada e binária dos gêneros. O processador da diferença repousa no fato de as mulheres terem a capacidade reprodutiva – (BENTO, 2006, p. 72)

Além disso, o gênero é uma construção simbólica a partir de papéis e de estereótipos associados às mulheres do que é considerado feminino e aos homens do que é considerado masculino. A naturalidade em associar a subordinação ao que engloba o feminino, marca a inferioridade da sua posição em diferentes esferas do seu cotidiano, além de diversas restrições do seu acesso ao trabalho, à cultura, ao controle do seu próprio corpo e a tomada de decisões (VALENZUELA, 2019).

A socialização ocorre de maneira a entender o masculino como o ser universal e neutro, tendo o feminino como o ser diferente – o outro, o segundo sexo. As mulheres não são mulheres, mas sim tornam-se mulheres, pensando nas identidades, características e papéis que são oferecidos aos gêneros de maneira cristalizada e universal, a partir de justificativas biológicas, culturais, sociais (BEAUVOIR, 1980).

Saúde mental: articulação e impactos

As construções sociais de gênero referidas até aqui, impactam diretamente os corpos e o cotidiano das mulheres que as atualizam, esses impactos podem ser marcados por situações de violência e de conflitos desde a infância, especialmente em aspectos como a caracterização dos papéis sociais, a repressão sexual, a educação sexista e a adultização das meninas. Com o advento da adolescência e da vida adulta, são submetidas ainda às violações de direitos sexuais, reprodutivos, à divisão sexual do trabalho, à dupla jornada laboral, feminicídio, dentre outros aspectos que perpassam suas existências. Assim, a desigualdade de gênero e o machismo podem causar diversas violências que interferem em muitas questões do cotidiano das mulheres, podendo gerar sofrimento e adoecimento psíquico (ESTAY; LATORRE; ROJAS, 2017).

Neste contexto, as relações familiares e as relações sociais podem ser disparadoras de sofrimentos psíquicos bem como o sofrimento psíquico pode impactar esses diferentes ambientes. Ou seja, apesar de, no senso comum, o adoecimento e do sofrimento psíquico serem experiências singulares e individuais de cada pessoa, há uma relação intrínseca com o meio e com as relações em que a pessoa está inserida, tanto de causa quanto de consequência. No caso das mulheres especificamente, a família, o casamento, o trabalho remunerado e a sociedade patriarcal podem ser fatores desencadeadores do sofrimento psíquico nesses corpos, assim como sustentáculo para sua medicalização. O padrão exigido pela sociedade de como as mulheres devem se moldar (tanto física quanto socialmente) é algo que perdura gerações e que tem produzido diversas demandas de saúde para as mulheres, como é o caso dos transtornos alimentares, em que os corpos femininos são submetidos a diversas violências de si mesmo e dos outros, através da influência da mídia, do mundo da beleza e da moda, por não se perceberem no padrão do que é considerado “belo” por esses veículos (TRAVIA; NITSCHKE, 2007).

A sociedade, segundo Rosaldo (1979), constitui-se imersa em diferentes conflitos e disputas. Dentre esses conflitos, a autora destaca dois grandes tensionamentos: o público e o doméstico. Historicamente, a vida das mulheres referiu-se principalmente à esfera doméstica, à manutenção do lar e às relações de cuidado. A sociedade capitalista se consolidou e sustenta-se graças aos cuidados realizados majoritariamente pelas mulheres, a partir da ideia de que, enquanto há mulheres cuidando de outras pessoas e das tarefas de casa, é dado aos homens a possibilidade de investirem o seu tempo, a sua energia física e psíquica em ocupações produtivas compartilhadas, assalariadas e que possuem mais valor e prestígio socialmente (SÁNCHEZ; FRAGO; LÓPEZ, 2018).

Há diferentes padrões idealizados pela sociedade por meio do que é “loucura” e do que é “normalidade” para os homens e para as mulheres, utilizando como pressuposto, entre outros critérios, os diferentes papéis sociais atribuídos a cada gênero. Durante a maior parte da experiência dita “civilizatória”, o que foi designado às mulheres consideradas “normais” são as “tarefas estratégicas da reprodução e da conservação da família e do lar, de ‘ser-para-com-os-outros’ conforme exigiriam sua própria determinação biológica e as inclinações naturais do seu espírito” (CUNHA, 1986, p. 126). Qualquer transgressão social ou moral feminina que contrarie esses atributos previamente estabelecidos podia ser considerada uma doença mental através de discursos patriarcais de quem detinha o poder, seja ele político, religioso, médico, jurídico e familiar (SILVA; GARCIA, 2019). Ainda acerca deste discurso:

Cabe refletir que é vigente um senso de moralidade, construído historicamente por bases cristãs e que dialoga com a ideologia burguesa, que costuma classificar os indivíduos como “bons” ou “maus”, em especial as mulheres, de acordo com suas atitudes, favorecendo a construção de um pensamento maniqueísta que gera a invisibilidade das contradições sociais e individualiza os problemas, no qual a minoria é oprimida (SILVA & GARCIA, 2019, p. 51).

Segundo Basaglia (1985), os homens possuem um “espectro de normalidade” maior em relação às mulheres, ou seja, qualquer subversão e desobediência à norma imposta às mulheres – como: ser uma boa mãe, esposa, cuidar das pessoas tanto no espaço privado (dentro de suas casas), quanto no espaço público (profissões ligadas ao cuidado ou de subordinação) – são questionados e/ou convertidos à uma patologia (BASAGLIA, 1985). Lagarde (2005, p. 702) também traz reflexões nessa linha de raciocínio, cuja loucura e histeria feminina está associada ao não cumprimento destas mulheres em reproduzir passivamente estereótipos de gênero previamente estabelecidos socialmente, em relação à aparência física, às condutas ou à performance de uma feminilidade (ESTAY; LATORRE; ROJAS, 2017; LAGARDE, 2005).

Foucault (1999), um grande estudioso acerca do poder e do controle de corpos na nossa sociedade, traz reflexões em seus estudos de que o processo de histerização das mulheres contribuiu para a medicalização e psiquiatrização dos seus corpos, e fez isso “em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade” (FOUCAULT, 1999, p. 137)

Bento (2012) traça um panorama através do conceito denominado “diagnóstico de gênero”, que consiste na patologização de corpos que não seguem o padrão cisheteronormativo das performances de gênero que são esperadas socialmente. Esse diagnóstico baseado nos estereótipos de gênero, pode desencadear intervenções de profissionais em prol da ordem e da “normatização”. A autora prefere utilizar o termo “patologização do gênero” ao invés de “psiquiatrização do gênero” por esta prática reverberar em outras práticas médicas e outros setores políticos e de saberes, para além da forte influência da psiquiatria. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), por exemplo, classificava a transexualidade como um transtorno mental até a sua quinta edição, publicada em 2013, porém, nesta mesma edição, trouxe a disforia de gênero como um transtorno mental.

A patologização da sexualidade continua operando com grande força, não mais como “perversões sexuais” ou “homossexualismo”, mas como “transtornos de gênero”. Se o gênero só consegue sua inteligibilidade quando referido à diferença sexual e à complementaridade dos sexos, quando se produz no menino a masculinidade e na menina a feminilidade, a heterossexualidade está inserida aí como condição para dar vida e sentido aos gêneros (BENTO, 2012, pp. 572)

Para a pesquisadora, o gênero, a sexualidade e a subjetividade de cada um estão relacionados com a identidade deste sujeito. Entretanto, a patologização do gênero e de corpos transexuais faz com que pessoas cujo gênero não se relaciona ou que não estão em consonância com o seu órgão genital necessitem de um tratamento, ordem e de tutela médica (BENTO; PELÚCIO, 2012; FAUSTO-STERLING, 2001).

É preciso reafirmar que o DSM-IV, o CID-10 e o SOC são falaciosos e produtores institucionais de identidades abjetas. Quem formula esses códigos é um grupo fechado de especialistas orientados pelos preceitos heteronormativos que, aliás, têm fundamentado a ciência ocidental moderna (BENTO, 2012, pp. 578)

Para Bento (2017), existem dois desafios que são necessários nesta luta, o primeiro diz respeito à responsabilização do Estado na promoção e manutenção de políticas públicas. O segundo é a produção de discursos contrários ao determinismo biológico e hierárquico do gênero. Para este, é necessário o envolvimento da sociedade em todos os níveis, “nos movimentos sociais, nas salas de aula, na educação não segregacionista dos filhos (fim das chamadas ‘coisas de menina’, ‘coisas de menino’), na moda, no cinema, etc” (BENTO, 2017, pp. 239). O envolvimento da sociedade, em todos os níveis, na mobilização social em prol da desnaturalização do gênero é algo a ser realizado anteriormente à promoção de ações afirmativas, pensando que o Estado é uma instituição biopolítica de poder.

Como a saúde mental opera nestes dois planos (macro e micropolítico), compreendemos que pesquisas sobre a interface gênero e saúde mental podem ser bons dispositivos para produzir e impulsionar as mudanças destas práticas.

Neste trabalho, pretende-se pesquisar e analisar quais são as associações presentes entre saúde mental e gênero com foco nas mulheres na produção acadêmica brasileira.

Este estudo permite dar visibilidade às relações de poder que ainda existem entre as mulheres e os homens em diversas sociedades e como essas relações se traduzem no discurso científico e na produção acadêmica.

O diálogo, incluindo a saúde mental e sua intersecção de gênero, contribui para mergulhar em um problema que vai além das diferenças anatômicas, incluindo as desigualdades que a sociedade tem construído a partir de “marcadores biológicos” (BENTO, 2017). Negar as desigualdades de gênero retira o caráter político da questão, gerando uma invisibilização das consequências causadas pelas assimetrias de poder, desencadeando uma conformidade dos processos patriarcais que se reproduzem socialmente e subjetivamente nos contextos sociais em que vivemos (TESTA; SPAMPINATO, 2010).

... considerando que o Brasil é o país onde mais se mata pessoas trans (transexuais, travestis, cross-dressers, drag queens, drag kings, transgêneros, queers) no mundo e

que a violência contra as mulheres não diminui, ainda temos um longo caminho pela frente [para dialogar na dimensão do gênero] (BENTO, 2017, pp. 239)

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo geral desse trabalho é mapear as produções brasileiras acerca da temática de sofrimento psíquico e gênero, identificar os principais temas que compõem essa temática e analisar os estudos acerca do sofrimento psíquico da mulher.

Objetivos Específicos

- i. Mapear a produção da literatura científica publicada no Brasil sobre saúde mental das mulheres;
- ii. Identificar quais temas são abordados nessa produção científica, bem como suas lacunas;
- iii. Identificar a rede de serviços de saúde expressa nos textos;
- iv. Especificar ações de saúde que incorporam a atenção à saúde mental das mulheres.

METODOLOGIA

Uma pesquisa do tipo revisão de escopo consiste em um mapeamento do que é relevante na literatura para uma dada área de interesse, tendo a sintetização do conhecimento sobre o tema investigado como um dos objetivos finais da revisão. Realizar o mapeamento desses estudos permite identificar quais são os conceitos chaves do tema, as principais referências e estudiosos sobre o assunto e quais são as evidências (DEPOLE, 2018).

Há quatro funções centrais no estudo de escopo, sendo elas: observação do percurso da pesquisa para denominar quais são os campos envolvidos nesta temática; avaliar o valor dessa revisão, levando em consideração a existência ou não de outras revisões de literatura com o mesmo tema; sintetizar e disponibilizar os resultados para o público e observar se há lacunas existentes acerca dessa temática (ARKSEY; O'MALLEY, 2005 apud DEPOLE, 2018).

Segundo, Arksey e O'Malley (2005), a etapa inicial do processo metodológico é **estabelecer uma pergunta para conduzir o trabalho** e, a partir dela, **identificar quais são os estudos relevantes** para responder essa pergunta. Para isso, é necessário escolher os descritores e as bases de dados para as buscas e determinar o período de tempo e a linguagem. Esses fatores precisam ser escolhidos anteriormente à coleta de dados propriamente dita.

Posteriormente, outra etapa da revisão de escopo consiste na **seleção dos estudos relevantes** para o desenvolvimento da pesquisa a partir de critérios de inclusão e exclusão determinados pelo autor e pela pergunta condutora da pesquisa. Esses fatores também necessitam ser decididos no início da pesquisa.

O **mapeamento dos dados** acontece a partir da seleção dos estudos mais relevantes. Esse mapeamento consiste em uma extração dos dados centrais e específicos do estudo, como população, tipo de intervenção, resultados, etc. Posteriormente, o próximo passo é **agrupar, resumir e descrever os resultados** dos estudos coletados. Esses dados devem ser apresentados primeiramente de maneira numérica e quantitativa, contendo informações acerca das áreas dominantes desse tema de pesquisa, como “tipo de intervenção, métodos de pesquisa, localização geográfica, podendo rapidamente obter um dado das principais áreas de interesse e, conseqüentemente, onde há lacunas significativas” (DEPOLE, 2018, pp. 30).

Tabela 1: Revisão de Escopo - Procedimentos metodológicos

ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3	ETAPA 4	ETAPA 5
Estabelecer a questão da pesquisa	Determinar quais são os estudos relevantes	Selecionar os estudos relevantes	Mapear	Agrupar, resumir e relatar
Estabelecer uma pergunta para ser respondida e para conduzir a pesquisa	Escolha de descritores	Determinar critérios de inclusão e exclusão para escolha dos estudos relevantes	Extrair os dados centrais e específicos de cada estudo selecionado	Agrupar, resumir e relatar os resultados encontrados
	Escolha da base de dados	Selecionar os estudos relevantes	Apresentar em uma forma gráfica de exibição de dados	
	Determinar o período de tempo e a linguagem			

Fonte: Autor (2022)

Procedimentos metodológicos

1. Etapa 1: Estabelecer a questão da pesquisa

A pergunta escolhida para conduzir a pesquisa foi: “O que os estudos em português discutem acerca da saúde mental das mulheres?”

2. Etapa 2: Determinar quais são os estudos relevantes

Em abril de 2021, foi realizada a primeira busca acerca do tema escolhido no portal da base de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), que foi a nossa base de busca. Os descritores estabelecidos para responder a pergunta da pesquisa foram: (*saúde mental*) *OR* (*sofrimento mental*) *AND* (*mulheres*) por meio da ferramenta de busca avançada.

A escolha entre conter o operador booleano “OR” entre saúde mental e sofrimento mental foi estabelecida devido a quantidade de artigos encontrados tendo somente (*saúde mental*) *AND* (*mulheres*) como descritores e operadores. Como o sofrimento psíquico de mulheres devido a condição de gênero também é algo a ser investigado pela pesquisa, foi determinado esse critério.

A escolha da BVS como o portal para realização dessa pesquisa foi estabelecida devido a abrangência de outras bases de dados da saúde indexadas, como a SciELO, a MEDLINE, a Rede BiblioSUS, o Centro Cultural do Ministério da Saúde e a LILACS. Essas bases de dados indexadas compõem diversos temas em saúde, como arquitetura, engenharia e tecnologia em saúde de alta complexidade, saúde da população negra, saúde do trabalhador e saúde mental. Além disso, também tem como temas a humanização do cuidado, a participação social, a promoção da saúde, o Sistema Único de Saúde e a vigilância em saúde. O site do portal é <https://pesquisa.bvsalud.org/>.

3. Etapa 3: Selecionar os estudos relevantes

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, os documentos escolhidos foram artigos científicos. Por tanto, a literatura cinza não foi incluída na produção dos resultados.

Os critérios definidos para seleção dos artigos foram, cronologicamente:

- A. Conter os descritores (*saúde mental*) *OR* (*sofrimento mental*) *AND* (*mulheres*) no título, resumo ou assunto dos artigos (3.835);
- B. Os artigos serem publicados na íntegra (1883);
- C. As publicações serem no idioma português (435);
- D. Estudos publicados em um período de tempo de 10 anos (entre 2010 e 2020) (112).

A partir destes estudos que passaram por todos os critérios de seleção (112), foi realizada uma nova seleção de estudos relevantes para a pesquisa a partir de critérios de exclusão.

Foram excluídos:

- E. Os estudos repetidos (11);
- F. Os estudos que se tratavam de revisões de literatura (9);
- G. Os trabalhos que se tratavam de monografias, teses e dissertações (14);
- H. Os artigos que não estavam disponíveis (3);
- I. Os artigos que não continham especificamente como foco do estudo a questão da saúde mental e de mulheres (16).

Restando um total de 59 artigos científicos para a análise.

4. Etapa 4: Mapear

O mapeamento dos estudos consiste em um processo de extração dos dados mais relevantes para pontuar de cada estudo. Essa extração deve ter relação direta com os objetivos específicos da pesquisa. Os estudos foram lidos na íntegra e os dados foram inseridos em uma planilha do Excel (Tabela 2 e Tabela 3) (DEPOLE, 2018) e analisados posteriormente

RESULTADOS

5. Etapa 5: Agrupar, resumir e relatar

A apresentação dos resultados foi dividida em aspectos quantitativos (nome do estudo, ano de publicação, localização geográfica do estudo, revista, descritores/palavras-chave e serviço de saúde envolvido) e nos aspectos qualitativos dos estudos encontrados (objetivos da pesquisa e população alvo) com o objetivo de analisar as produções científicas brasileiras acerca desse tema publicados nos últimos 10 anos na base de dados BVS.

5.1 Dados Quantitativos

A seguir, vamos apresentar e analisar de maneira quantitativa os 59 artigos que foram para etapa final dos estudos selecionados. Utilizaremos como dados o nome do estudo, o sobrenome dos autores, o ano de publicação, a localização geográfica em que o estudo foi realizado, a revista, descritores e serviço de saúde envolvido.

Tabela 2: Distribuição dos estudos a partir de dados quantitativos

n°	Nome completo do estudo	Autores (na ordem que aparecem)	Ano de publicação	Localização do estudo (região)	Revista	Descritores	Serviço de Saúde envolvido
1	"O mercado de trabalho é muito cruel": representações sociais de mulheres em sofrimento psíquico	VITALI, M.; CAVALER, C.; SORATTO, J.; CASTRO, A.	2020	Sul	Revista Barbarói	Representação social, trabalho, saúde mental	CAPS II
2	Apoio social, resiliência, estresse de minorias e saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais	PAVELTCHUK, F.; BORSA, J.; DAMÁSIO, B.	2019	Não informado	Revista Psico-USF	Estresse de minorias, LGB, bem-estar, apoio social, resiliência	Não informado
3	Análise de gênero dos conteúdos das vozes que os outros não ouvem	KANTORSKI, L.; MACHADO, R.; SANTOS, C.; COUTO, M.; RAMOS, C.	2020	Sul	Psicologia em estudo	Alucinações auditivas, gênero, prontuários	CAPS II
4	Mães que cuidam de crianças dependentes de tecnologia em atendimento domiciliar	SANTOS, V.; MINAYO, M.	2020	Sudeste	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Acidente, atendimento domiciliar, cuidador familiar	Serviço de home care - Hospital particular
5	Repercussões psíquicas em mães de crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus	BULHÕES, C.; SILVA, J.; MORAES, M.; REICHERT, A.; DIAS, M.; ALMEIDA, A.	2019	Nordeste	Escola Anna Nery	Zika vírus, microcefalia; mães; saúde mental.	Regional de saúde.
6	Sintomas físicos e psicológicos do estresse em pessoas vivendo com o	MELO, E.; ANTONINI, M.; COSTA, C.; PONTES,	2019	Sudeste	Revista Portuguesa de Enfermagem	Estresse psicológico, saúde mental, infecções por HIV	Serviço de atendimento especializado (pessoas

	vírus da imunodeficiência humana	P.; CARDOSO, L.; GIR, E.; REIS, R.			de Saúde Mental		vivendo com HIV)
7	O cotidiano de mulheres com fibromialgia e o desafio interdisciplinar de empoderamento para o autocuidado	OLIVEIRA, J.; BERARDINELLI, L.; CAVALLERE, M.; ROSA, R.; COSTA, L.; BARBOSA, J.	2019	Sudeste	Revista Gaúcha de Enfermagem	Fibromialgia, enfermagem, educação em saúde, psicoterapia de grupo, mulher	Não informado
8	Avaliação da dor e fatores associados em pessoas que vivem com HIV/AIDS	PEREIRA, A.; BRADBURY, F.; ROSSETTI, E.; HORTENSE, P.	2019	Sudeste	Revista Latino-Americana de Enfermagem	HIV, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, dor; medição da dor, qualidade de vida, depressão	Serviço de atendimento especializado (pessoas vivendo com HIV)
9	Associação de dor crônica com força, níveis de estresse, sono e qualidade de vida em mulheres acima de 50 anos	SOBRINHO, A.; ALMEIDA, M.; RODRIGUES, G.; JÚNIOR, C.	2019	Sudeste	Revista Fisioterapia e Pesquisa	Dor, idoso, doença crônica, atividade física, qualidade de vida	Programa de Educação Física para Idosos (Pefi)
10	Transtornos mentais comuns em mulheres de cidades rurais: prevalência e variáveis correlatas	FURTADO, F.; SALDANHA, A.; MOLEIRO, C.; SILVA, J.	2019	Nordeste	Revista Saúde e Pesquisa	Mulher, prevalência, rural, saúde mental, transtornos mentais comuns	Não informado
11	Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”	TAVARES, J.; KURATANI, S.	2019	Nordeste	Revista Psicologia: Ciência e Profissão	Racismo, saúde mental, análise do comportamento, Terapia Cognitivo comportamental, população negra	Não informado

12	Estresse percebido em familiares de pacientes em sala de espera de um centro cirúrgico	GUERREIRO, M.; SIQUEIRA, F.; DEZORDI, C.; KIRCHNER, R.; DALMOLIN, G.; STUMM, E.	2019	Sul	Revista Enfermagem em Foco	Estresse psicológico, cuidados de enfermagem, enfermagem perioperatória, família	Hospital Geral
13	Narrativas autobiográficas de mulheres com endometriose: que fenômenos permeiam os atrasos no diagnóstico?	BRILHANTE, A.; OLIVEIRA, L.; LOURINHO, L. MANSO, A.	2019	Nordeste	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Endometriose, diagnóstico tardio, narrativa, sociologia, saúde coletiva	Serviço de atendimento especializado (dor pélvica crônica)
14	Sofrimentos que "adoçam" o sangue: diabetes, gênero e o trabalho do tempo	MELO, L.	2019	Sudeste	Revista da SPAGESP	Sufrimento social, Diabetes tipo 2, gênero, causalidade, antropologia	Centro de Saúde
15	Repercussões do diagnóstico de câncer para homens e mulheres: um estudo comparativo	FERNANDES, M.; CARVALHO, G.; FERREIRA, C.	2019	Centro-oeste	Revista da SPAGESP	Neoplasias, diagnóstico, homens, mulheres	Núcleo Regional de Combate ao Câncer
16	Fontes de estresse, bem-estar psicológico e saúde entre estudantes de Odontologia: uma comparação entre fases pré-clínica e clínica e entre os sexos	MUNIZ, M.; MUNIZ, F.; RODRIGUES, L.; OLIVEIRA, M.; BARROS, I.; CARVALHO, R.	2019	Nordeste	Revista da ABENO	Saúde mental, saúde, estresse ocupacional, estudantes de odontologia	Não informado
17	Relação entre ocorrência de endometriose e sofrimento psíquico	OLIVEIRA, L.; BRILHANTE, A.; LOURINHO, L.	2018	Nordeste	Revista Brasileira em Promoção da Saúde	Endometriose, saúde pública, sofrimento psíquico	Hospital Maternidade

18	Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos	PEREIRA, M.; GONÇALVES, L.; LOYOLA, C.; ANUNCIACÃO, P.; DIAS, R.; REIS, I.; PEREIRA, L.; LAMY, Z.	2018	Nordeste	Revista Paulista de Pediatria	Morte perinatal, luto, apoio social, humanização da assistência	Hospital Maternidade
19	Estudo comparativo entre cuidadores formais e informais de idosos	DINIZ, M.; MELO, B.; NERI, K.; CASEMIRO, F.; FIGUEIREDO, L.; GAIOLI, C.; GRATÃO, A.	2018	Sudeste	Revista Ciência & Saúde Coletiva	Estresse psicológico, cuidadores, idosos	Centro Saúde Escola, Hospital Universitário e Instituição Filantrópica de Longa Permanência.
20	Intervenção cognitiva domiciliar para cuidadores de idosos com Alzheimer	CAPARROL, A.; CASEMIRO, F.; CORRÊA, L.; MONTEIRO, D.; SANCHEZ, M.; SANTOS, L.; GRATÃO, A.	2018	Sudeste	Revista de Enfermagem UFPE Online	Idoso, cuidadores, cognição, estresse psicológico, estudo de intervenção, geriatria	Serviço de home care - Hospital particular
21	Expressões da sexualidade e de gênero na injunção crime-loucura: engendramentos moralizantes no tratamento do paciente judiciário	GUIMARÃES, W.; PAULON, S.; NARDI, H.	2018	Sul	Cadernos de Saúde Pública	Desinstitucionalização, sexualidade, identidade de gênero, saúde mental, direitos humanos	Hospitais de custódia
22	Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde	SIQUEIRA, V.; LEAL, I.; FERNANDES, F.; MELO, R.; CAMPOS, M.	2018	Nordeste	Revista APS	Violência contra a mulher, Atenção Primária à Saúde,	Atenção Básica

						fatores socioeconômicos	
23	Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família	GONÇALVES, A.; TEIXEIRA, M.; GAMA, J.; LOPES, C.; SILVA, G.; GAMARRA, C.; DUQUE, K.; MACHADO, M.	2018	Sudeste	Jornal Brasileiro de Psiquiatria	Depressão, fatores associados, atenção primária à saúde, prevalência	Atenção Básica
24	Pacientes com endometriose que utilizam estratégias positivas de enfrentamento apresentam menos depressão, estresse e dor pélvica	DONATTI, L.; RAMOS, D.; ANDRES, M.; PASSMAN, L.; PODGAEC, S.	2017	Sudeste	Revista Einstein	Endometriose, adaptação psicológica, depressão, estresse psicológico, dor pélvica	Hospital Geral
25	Transtornos somatoformes (manifestações histéricas) em mulheres atendidas em hospital psiquiátrico de São Luís, Maranhão	REINERT, A.; RÊGO, R.; PIRES, R.; SILVA, V.	2016	Nordeste	Revista Psicologia em Pesquisa - UFJR	Transtorno Somatoforme, somatização, psicanálise, mulheres, Hospital Psiquiátrico	Hospital Geral - Ala psiquiátrica
26	Relatos de mulheres fibromiálgicas: grupo como estratégia para a promoção da saúde	BARBOZA, M.; SOUZA, P.; BITTAR, C.	2016	Sudeste	Revista de Psicologia	Fibromialgia, promoção da saúde, atividades em grupo, mulheres, atenção multiprofissional	Centro Saúde Escola
27	Função sexual feminina, desgaste emocional por insatisfação sexual e inteligência emocional	ANTÔNIO, J.; SILVA, A.; COSTA, P.; JUNG, D.; PEREIRA, C.; NUNES, E.; LATORRE, G.	2016	Sudeste	Revista Fisioterapia Brasil	Sexualidade, estresse emocional, inteligência emocional, prevalência	Centro Saúde Escola
28	Sintomas neuropsiquiátricos do idoso com doença de	STORTI, L.; QUINTINO, D.;	2016	Sudeste	Revista Latino-	Idoso, cuidadores, sintomas	Hospital Geral

	Alzheimer e o desgaste do cuidador familiar	SILVA, N.; MARQUES, S.			Americana de Enfermagem	comportamentais, demência, enfermagem geriátrica	
29	O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil	CONSTANTINO, P.; ASSIS, S.; PINTO, L.	2016	Sudeste	Revista Ciência & Saúde Coletiva	Saúde mental, depressão, estresse, prisões	Não informado
30	Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública	LAMEU, J.; SALAZAR, T.; SOUZA, W.	2016	Sudeste	Revista Psicologia da Educação	Stress, saúde mental, estudantes universitários	Não informado
31	O custo da cura: vivências de conforto e desconforto de mulheres submetidas à braquiterapia	SOARES, M.; TREZZA, M.; OLIVEIRA, S.; MELO, G.; LIMA, K.; LEITE, J.	2016	Nordeste	Escola Anna Nery	Braquiterapia, neoplasias do colo do útero, teoria de enfermagem	Hospital Geral - Ala Oncológica
32	Sentimentos de gestantes de risco durante a fase de indução: estudo descritivo	LIMA, B.; RIBEIRO, M.; MARTINS, E.; RAMOS, R.; FRANCISCO, M.; LIMA, D.	2016	Sudeste	Online Brazilian Journal of Nursing	Enfermagem obstétrica, trabalho de parto induzido, gravidez de alto risco	Hospital Geral
33	Perfil e Saúde Mental dos Fonoaudiólogos de uma Capital do Nordeste, Brasil	PIMENTEL, D.; SALES, N.; VIEIRA, M.	2016	Nordeste	Revista Distúrbios Comuns	Perfil de saúde, saúde mental, fonoaudiologia, satisfação no emprego, autocuidado	Não informado
34	Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo	PETRY, A.	2015	Sul	Revista Gaúcha de Enfermagem	Cirurgia de readequação sexual, pessoas transgênero, identidade de gênero	Não informado

35	Rastreamento de sintomas depressivos e ansiosos em mulheres no pós-parto: estudo descritivo	PEREIRA, P.; CARVALHO, T.; SOARES, G.; GUALDA, D.	2015	Sudeste	Online Brazilian Journal of Nursing	Depressão pós-parto, ansiedade, período pós- parto.	Centro Saúde Escola
36	Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil	SOUZA, M.; MALVASI, P.; SIGNORELLI, M.; PEREIRA, P.	2015	Sul	Cadernos de Saúde Pública	Travestismo, violência, homofobia	Atenção Básica e Hospital Geral
37	Fatores psicossociais e socioeconômicos relacionados à insônia e menopausa: Estudo Pró-Saúde	ROBAINA, J.; LOPES, C.; ROTENBERG, L.; FAERSTEIN, E.	2015	Sudeste	Cadernos de Saúde Pública	Insônia, transtornos do sono, menopausa	Centro Saúde Escola
38	Estresse e fatores associados em alunos de psicologia de uma universidade particular do sul do Brasil	VIEIRA, L.; SCHERMANN, L.	2015	Sul	Aletheia	Estresse, estudantes de psicologia	Não informado
39	"Carne crua e torrada": a experiência do sofrimento de ser queimada em mulheres nordestinas, Brasil	ARRUDA, C.; BRAIDE, A.; NATIONS, M.	2014	Nordeste	Cadernos de Saúde Pública	Queimaduras, estigma social, vulnerabilidade social, antropologia	Hospital Geral - Ala de Queimados
40	Investigação do estresse, ansiedade e depressão em mulheres com fibromialgia: um estudo comparativo	RAMIRO, F.; JÚNIOR, I.; SILVA, R.; MONTESANO, F.; OLIVEIRA, N.; DINIZ, R.; ALAMBERT, P.; PADOVANI, R.	2013	Sudeste	Revista Brasileira de Reumatologi a	Fibromialgia, estresse, ansiedade, depressão, mulher	Centro Saúde Escola
41	Efeitos da intervenção Hatha-Yoga nos níveis de	BERNARDI, M.; AMORIM, M.; ZANDONADE, E.;	2013	Sudeste	Revista Ciência &	Neoplasias da mama, mastectomia, ansiedade, exaustão	Hospital Geral

	estresse e ansiedade em mulheres mastectomizadas	SANTAELLA, D.; BARBOSA, J.			Saúde Coletiva	emocional e física, Yoga	
42	Mulheres nas equipes de enfermagem: identificação organizacional e vivências de prazer e sofrimento	VIEIRA, A.; ALVES, M.; MONTEIRO, P.; GARCIA, F.	2013	Sudeste	Revista Latino-Americana de Enfermagem	Identidade de gênero, enfermagem, autoimagem, trabalho feminino	Hospital Geral
43	Estresse de homens e mulheres que buscam tratamento para infertilidade	GRADVOHL, S.; OSIS, M.; MAKUCH, M.	2013	Sudeste	Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	Infertilidade, terapia, estresse psicológico, reprodução	Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM)
44	Estresse ocupacional em mulheres policiais	BEZERRA, C.; MINAYO, M.; CONSTANTINO, P.	2013	Sudeste	Revista Ciência & Saúde Coletiva	Polícia Militar, mulheres policiais, estresse ocupacional, gênero e trabalho	Não informado
45	Percepção de estresse e sintomas depressivos: funcionalidade e impacto na qualidade de vida em mulheres com fibromialgia	HOMANN, D.; STEFANELLO, J.; GÓES, S.; BREDA, C.; PAIXA, E.; LEITE, N.	2012	Sul	Revista Brasileira de Reumatologia	Dor, estresse psicológico, depressão, fibromialgia	Hospital Universitário
46	Jornadas de trabalho na enfermagem: entre necessidades individuais e condições de trabalho	SILVA, A.; ROTENBERG, L.; FISCHER, F.	2011	Sudeste	Revista Saúde Pública	Enfermeiras, auxiliares de enfermagem, condições de trabalho, estudos transversais, jornada de trabalho, trabalho em turnos, trabalho noturno	Hospital Universitário
47	Experiências psíquicas de mulheres frequentadoras da rede pública de saúde em Teresina (PI, Brasil)	CAVALCANTE, A.; SILVA, R.	2011	Nordeste	Revista Ciência & Saúde Coletiva	Mulher, sofrimento psíquico, saúde mental, Saúde da família.	Atenção Básica

48	Gênero e manifestação de stress em hipertensos	WOTTRICH, S.; ÁVILA, C.; MACHADO, C.; GOLDMEIER, S.; DILLENBURG, D.; KUHLE, C.; IRIGOYEN, M.; RIGATTO, K.; RUSCHEL, P.	2011	Sul	Estudos de Psicologia	Estresse, gênero, hipertensão	Centro de referência cardiológica
49	Violência psicológica na prática profissional da enfermeira	BARBOSA, R.; LABROCINI, L.; SARQUIS, L.; MANTOVANI, M.	2011	Sul	Revista Escola de Enfermagem da USP	Violência contra a mulher, enfermeiras, trabalho feminino, prática profissional	Rede hospitalar
50	Prevalência de transtornos mentais comuns auto-referidos e sua relação com os serviços de saúde em municípios da Baixada Santista – SP	MORAIS, M.; SEGRI, N.	2011	Sudeste	Boletim do Instituto de Saúde	Transtornos mentais comuns, Baixada Santista, serviços de saúde	Não informado
51	Mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação	MENEZES, K.; DIAS, C.	2011	Nordeste	Revista Mal-estar e Subjetividade	Maternidade, amor materno, relação mãe-criança, mães doadoras, doação	Não informado
52	Fatores de risco do tecnoestresse em trabalhadores que utilizam tecnologias de informação e comunicação	CARLOTTO, M.	2010	Sul	Revista Estudos de Psicologia	Tecnoestresse, Tecnologia de comunicação e informação, TIC, trabalhadores	Não informado
53	O grupo como produtor de singularidades: o processo subjetivo como forjador de singularidades frente às	SILVA, A.; FERRAZ, C.	2010	Sudeste	Revista Mal-estar e Subjetividade	HIV, psicossocial, mulheres, grupo, subjetividade	ONG de acolhimento à saúde da mulher.

	peessoas que vivem com as DSTs						
54	Interação entre qualidade do meio ambiente, estresse e a variação do gene APOE na determinação da suscetibilidade à fibromialgia	BECKER, R.; SILVA, V.; MACHADO, F.; SANTOS, A.; MEIRELES, D.; MERGENER, M.; SANTOS, G.; ANDRADE, F.	2010	Sul	Revista Brasileira de Reumatologia	Fibromialgia, estresse, qualidade ambiental, interações gene x ambiente, Apolipoproteína E	Hospital Universitário
55	Repercussões dos determinantes sociais na saúde mental das migrantes haitianas em Goiás	LIMA, M.; SOUZA, M.; NUNES, F.	2020	Centro-oeste	Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity	Saúde mental, migração humana, qualidade de vida	Não informado
56	A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais	PAVELTCHUK, F.; BORSA, J.	2020	Sudeste	Revista da SPAGESP	Estresse de minoria, LGB, vulnerabilidade social, saúde mental, estresse social	Não informado
57	Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais	COSTA, A.; PAVELTCHUK, F.; LAWRENZ, P.; VILANOVA, F.; BORSA, J.; DAMÁSIO, B.; HABIGZANG, L.; NARDI, H.; DUNN, T.	2020	Sul e Nordeste	Revista Psico-USF	Estresse de minoria, homossexualidade, bissexualidade, avaliação psicológica	Não informado
58	Existência e resistência dos corpos loucos: o corpo em processo e a reforma psiquiátrica brasileira	BENETTI, A.; EMERICH, B.; RICCI, E.; CAMPOS, R.	2020	Sudeste	Revista Saúde e Sociedade	Corpo, saúde mental, Reforma Psiquiátrica.	Hospital Geral

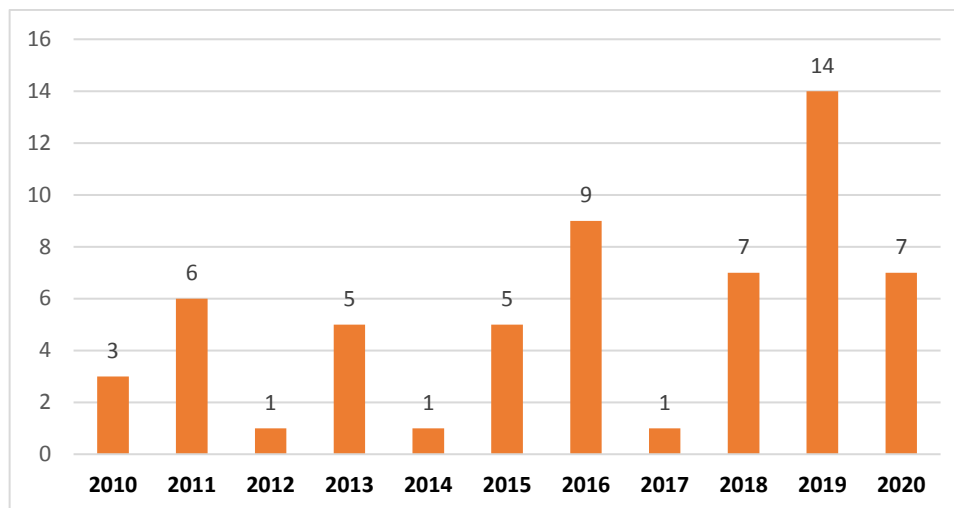
59	Esgotamento profissional e satisfação no trabalho em trabalhadores do setor de emergência e terapia intensiva em hospital público	ROCHA, L.; CORTES, M.; DIAS, E.; FERNANDES, F.; GONTIJO, E.	2019	Sudeste	Revista Brasileira de Medicina do Trabalho	Burnout, hospitais públicos, equipe de saúde, esgotamento profissional, exaustão profissional	Hospital Geral
----	---	---	------	---------	--	---	----------------

Fonte: Autor (2022)

5.1.1 Ano de publicação dos estudos

Em relação ao ano de publicação dos estudos encontrados na revisão, podemos observar na Figura 1 que houve uma grande quantidade de publicações no ano de 2019 em relação aos demais. Podemos observar também que houve apenas uma publicação nos anos de 2012, 2014 e 2017 e três publicações no ano de 2010.

Figura 1: Ano de publicação dos estudos



Fonte: Autor (2022)

5.1.2 Localização Geográfica

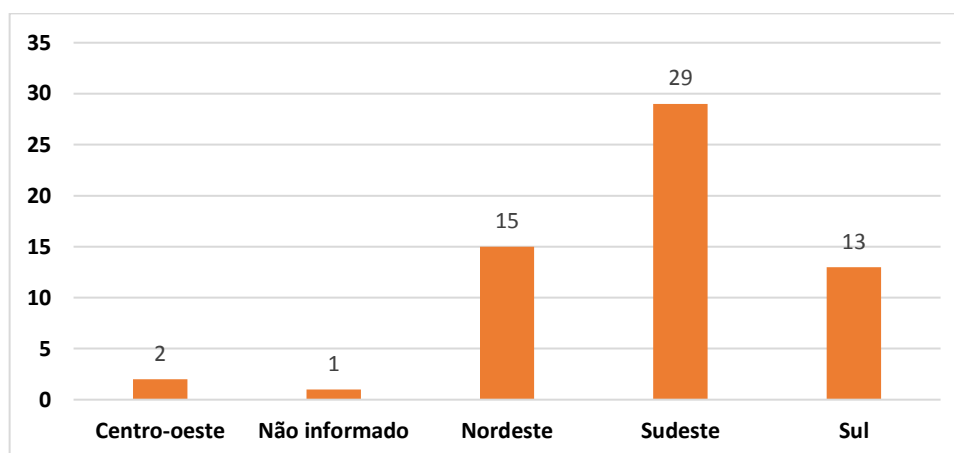
Acerca da localização geográfica dos estudos encontrados, a separação foi realizada a partir da região do Brasil ao invés do estado, pois muitos estudos não determinavam especificamente onde ele foi realizado, tendo somente a região do Brasil como um dado em comum de todos os artigos.

Podemos observar na Figura 2, que houve uma prevalência de publicações realizadas pela região sudeste com 29 publicações, seguido pela região nordeste com 14 publicações e a região sul com 12 publicações.

Em relação às regiões que menos publicaram sobre o tema, temos a região centro-oeste com 1 publicação e a região norte com nenhuma publicação.

Um dos estudos foi realizado tanto na região sul quanto na região nordeste.

Figura 2: Publicações por região do Brasil



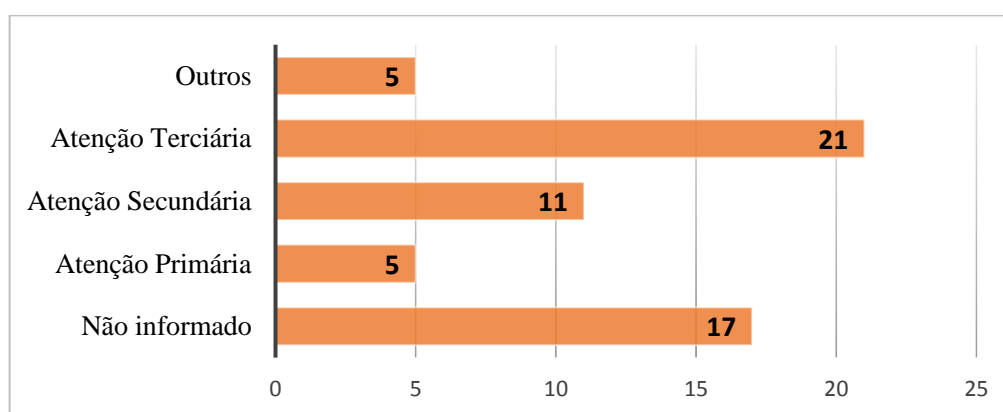
Fonte: Autor (2022)

5.1.3 Nível de Atenção à Saúde

Podemos observar na Figura 3, que 21 publicações se encontram no contexto da atenção terciária à saúde, ou seja, a Atenção Hospitalar, seguido da atenção secundária com 11 publicações.

A atenção primária à saúde, tendo a Unidade Básica de Saúde (UBS) e a Unidade Saúde da Família (USF) como principais serviços deste nível de atenção, estiveram presentes em 5 estudos. O serviço de saúde não foi informado em 17 estudos e 5 estudos não se relacionou com nenhum dos três níveis de atenção à saúde.

Figura 3: Nível de atenção à saúde envolvido nos estudos



Fonte: Autor (2022)

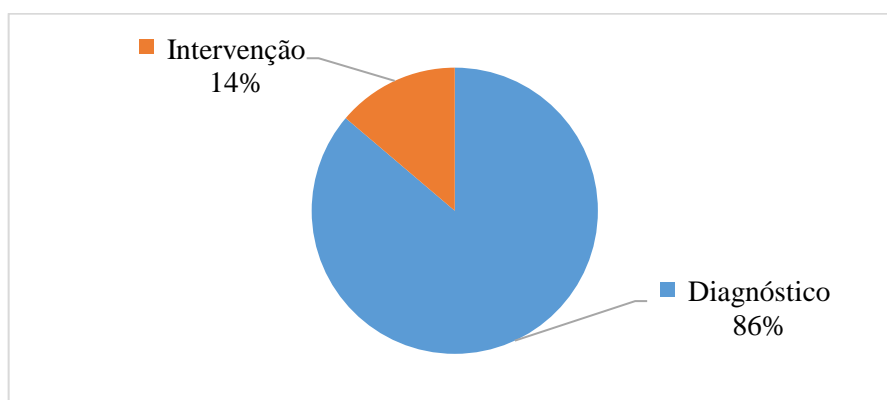
5.1.4 Intervenção x Diagnóstico

Foi investigado também o objetivo do estudo, analisando se ele se trata sobre relatos de experiência de intervenção e ação em casos de mulheres em sofrimento psíquico e com

demandas de saúde mental ou se ele se trata de coleta de dados e aspectos estatísticos acerca do diagnóstico e sofrimento psíquico das mulheres.

Podemos ver na Figura 4 que a grande maioria (86%) dos estudos tem como objetivo o diagnóstico e análise de dados das situações de mulheres em sofrimento ou adoecimento psíquico.

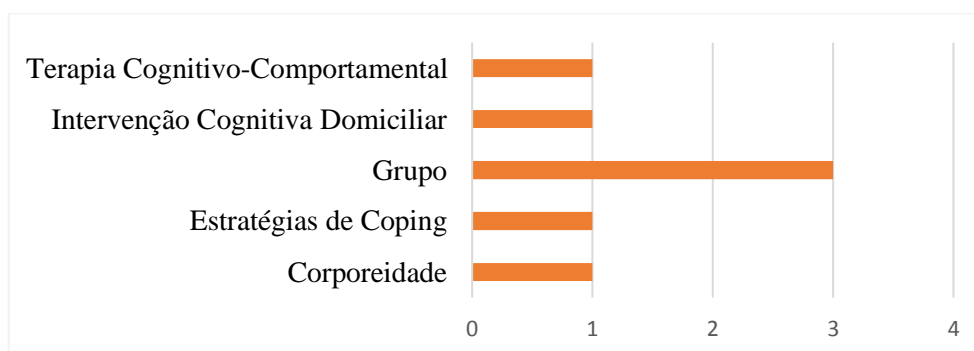
Figura 4: Principal objetivo dos estudos em relação a Diagnóstico x Intervenção



Fonte: Autor (2022)

Analisando apenas os estudos que têm como objetivo os processos de ação dos profissionais de saúde sobre as demandas de saúde mental das mulheres, podemos ver na Figura 5 que os processos grupais são o foco das intervenções, seguido das outras intervenções que apareceram somente em um estudo.

Figura 5: Tipo de intervenção utilizada no estudo



Fonte: Autor (2022)

5.2 Dados Qualitativos

A seguir, vamos apresentar e analisar de maneira qualitativa os 59 artigos que foram para etapa final dos estudos selecionados. Utilizaremos como dados o objetivo principal do artigo e a população alvo envolvida no estudo.

Tabela 3: Distribuição dos estudos a partir do nome do estudo e dos dados qualitativos

	Nome completo do estudo	Objetivos de pesquisa	População alvo
1	"O mercado de trabalho é muito cruel": representações sociais de mulheres em sofrimento psíquico	Os objetivos da intervenção foi realizar um grupo no formato de sociodrama para analisar a representação social do trabalho para mulheres em sofrimento psíquico.	6 usuárias de um Centro de Atenção Psicossocial com idade entre 30 e 62 anos. São mulheres que já tiveram experiência no mercado de trabalho formal ou informal e que possuem algum adoecimento psíquico.
2	Apoio social, resiliência, estresse de minorias e saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais	Verificar o nível de "minority stress" (estresse sentido por minorias) de mulheres lésbicas e bissexuais no Brasil. Além de observar aspectos como resiliência e apoio social podem ser medidas de proteção à saúde mental desse grupo de mulheres.	337 mulheres: lésbicas (143) e bissexuais (194), dentre elas assumidas (227) ou não (107). Todas são maiores de 18 anos com renda familiar de 3 a 10 salários mínimos. A maioria (261) cursavam ou já havia concluído ensino superior.
3	Análise de gênero dos conteúdos das vozes que os outros não ouvem	Essa pesquisa teve como objetivo analisar o registro do conteúdo das vozes de usuários e usuárias do CAPS II a partir de um recorte de gênero, saúde mental, social e cultural.	Foram identificados 181 usuários do CAPS II com registros de audição de vozes, a partir de seus prontuários, em um intervalo de tempo de setembro de 2017 a maio de 2018.
4	Mães que cuidam de crianças dependentes de tecnologia em atendimento domiciliar	Essa pesquisa teve como objetivo dialogar acerca do sofrimento materno no contexto de home care pediátrico de crianças que necessitam de tecnologia em seu cuidado.	Dois mães cuidadoras de seus filhos que necessitam de aparatos tecnológicos e equipes de atendimento domiciliar para sobreviver. Ambas mulheres possuem segundo grau completo.
5	Repercussões psíquicas em mães de crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus	Investigar as repercussões de saúde mental em mães de crianças com complicações decorrentes do Zika Vírus	15 mães de crianças com complicações decorrentes do Zika Vírus na primeira etapa da pesquisa e 13 mães na segunda. As mães tinham entre 18 e 30 anos, eram majoritariamente casadas, possuíam em

			média dois filhos e exerciam atividades voltadas ao cuidado dos filhos e da casa.
6	Sintomas físicos e psicológicos do estresse em pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana	Avaliar a prevalência, fatores associados e sintomas físicos e psicológicos do estresse em pessoas vivendo com HIV, comparando-o segundo o gênero	340 pessoas vivendo com HIV (197 homens e 143 mulheres) com idade superior a 18 anos.
7	O cotidiano de mulheres com fibromialgia e o desafio interdisciplinar de empoderamento para o autocuidado	Descrever o cotidiano das mulheres que vivem com fibromialgia durante a intervenção do grupo interdisciplinar e analisar seus benefícios à saúde das mulheres após a intervenção	12 mulheres com fibromialgia com idades entre 33 e 73 anos.
8	Avaliação da dor e fatores associados em pessoas que vivem com HIV/AIDS	Avaliar a dor em pessoas que vivem com HIV/AIDS e relacionar com fatores sociodemográficos, clínicos, sintomas depressivos e qualidade de vida relacionada à saúde.	302 pessoas (197 homens e 105 mulheres) com idade entre 18 e 59 anos e que fazem TARV (terapia antirretroviral) há pelo menos 6 meses.
9	Associação de dor crônica com força, níveis de estresse, sono e qualidade de vida em mulheres acima de 50 anos	Identificar quais são as relações entre níveis de dores crônicas e força com qualidade de vida, estresse e sono em mulheres, por serem as mais acometidas pelas dores osteoarticulares crônicas.	56 mulheres com idade entre 50 e 70 anos.
10	Transtornos mentais comuns em mulheres de cidades rurais: prevalência e variáveis correlatas	Analisar a presença dos Transtornos Mentais Comuns (TMC) em mulheres residentes em cidades rurais da Paraíba, além de fazer uma associação desse fator com os aspectos socioeconômicos, vivência de violência doméstica e cuidados em saúde mental.	608 mulheres com idades entre 18 e 83 anos.

11	Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”	Pontuar estratégias de psicoterapia por meio de técnicas da Psicoterapia Analítico Funcional, a partir da experiência de atendimento com duas mulheres negras. O estudo tem o objetivo de auxiliar e suscitar reflexões em psicólogos acerca do papel do racismo como um produtor de sofrimento psíquico para a população negra e da necessidade desses profissionais se atentarem acerca disso em sua conduta clínica.	2 mulheres negras e universitárias
12	Estresse percebido em familiares de pacientes em sala de espera de um centro cirúrgico	Avaliar o estresse percebido de familiares de pacientes em sala de espera de um Centro Cirúrgico e relacioná-lo com variáveis sociodemográficas.	104 familiares (72 mulheres e 32 homens) de pacientes submetidos à cirurgia de setembro a outubro de 2015.
13	Narrativas autobiográficas de mulheres com endometriose: que fenômenos permeiam os atrasos no diagnóstico?	Compreender a rede de significados construídos intersubjetivamente que caracterizam o fenômeno da endometriose na vida das mulheres acometidas, equilibrando perspectivas micro e macrosociais	29 mulheres com endometriose com mais de 18 anos de idade.
14	Sofrimentos que "adoçam" o sangue: diabetes, gênero e o trabalho do tempo	Compreender as possibilidades explicativas para o diabetes a partir da perspectiva de mulheres que vivem com essa doença.	1 mulher que vive com diabetes e participa de um grupo de educação em saúde de um Centro de Saúde da periferia de Campinas.
15	Repercussões do diagnóstico de câncer para homens e mulheres: um estudo comparativo	Identificar e descrever as repercussões do diagnóstico de câncer para homens e mulheres, buscando compreender suas similaridades e diferenças.	8 pacientes do gênero masculino diagnosticados com câncer de próstata e 8 pacientes do gênero feminino diagnosticadas com câncer de mama.
16	Fontes de estresse, bem-estar psicológico e saúde entre estudantes de Odontologia: uma comparação entre fases pré-clínica e clínica e entre os sexos	Avaliar o bem-estar psicológico, saúde geral e fontes de estresse de estudantes de Odontologia de quatro cursos, comparando as fases pré-clínica e clínica e entre os gêneros.	75 estudantes de odontologia na fase pré-clínica (22 homens e 53 mulheres) e 128 na fase clínica (37 homens e 91 mulheres)

17	Relação entre ocorrência de endometriose e sofrimento psíquico	Relacionar a ocorrência de endometriose com o sofrimento psíquico presente nas mulheres	11 mulheres com endometriose em seu primeiro atendimento ambulatorial
18	Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos	Analisar a comunicação oferecida pelos profissionais da saúde para mulheres que estão em situação de luto perinatal e sobre as condições de apoio e acolhimento.	15 mulheres cujos recém-nascidos faleceram entre julho de 2012 e julho de 2014.
19	Estudo comparativo entre cuidadores formais e informais de idosos	Comparar as condições de saúde e a sobrecarga de cuidadores formais e informais de idosos.	15 cuidadores formais (13 mulheres e 2 homens) e 35 cuidadores informais (30 mulheres e 5 homens) de idosos.
20	Intervenção cognitiva domiciliar para cuidadores de idosos com Alzheimer	Avaliar o efeito da intervenção cognitiva domiciliar sobre a cognição, a sobrecarga e o estresse em cuidadores de idosos com Alzheimer.	17 cuidadores de idosos (15 mulheres e 2 homens)
21	Expressões da sexualidade e de gênero na injunção crime-loucura: engendramentos moralizantes no tratamento do paciente judiciário	Analisar a maneira que a exploração da sexualidade e do gênero emergem no contexto judicial que define os destinos dos sujeitos na injunção crime-loucura por meio de análise de laudos psiquiátricos.	Laudos psiquiátricos de 6 pessoas não heterossexuais ou não cisgêneras que se encontravam em um Hospital de Custódia. As pessoas são: quatro homens cis, uma mulher cis e uma mulher travesti.
22	Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde	Descrever a ocorrência da violência psicológica contra a mulher usuária da Atenção Primária e quais são os fatores associados.	392 usuárias da APS com idade igual ou superior a 18 anos.
23	Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família	Avaliar a prevalência de depressão e os fatores associados em mulheres de 20 a 59 anos em áreas cobertas pela Estratégia Saúde da Família.	1.958 mulheres que frequentam a Estratégia Saúde da Família de 20 a 59 anos de idade.

24	Pacientes com endometriose que utilizam estratégias positivas de enfrentamento apresentam menos depressão, estresse e dor pélvica	Observar a correlação entre estratégias de enfrentamento, depressão, níveis de estresse e percepção de dor em mulheres com endometriose.	171 mulheres em tratamento por endometriose
25	Transtornos somatoformes (manifestações histéricas) em mulheres atendidas em hospital psiquiátrico de São Luís, Maranhão	Analisar a quantidade de casos que apresentam a sintomatologia de Transtorno Somatoforme (Manifestações Histéricas), quais destes casos de fato obteve diagnóstico conclusivo de TS e qual são os aspectos sociodemográficos dessas mulheres.	62 prontuários de mulheres com sintomatologia de transtorno somatoforme (TS)
26	Relatos de mulheres fibromiálgicas: grupo como estratégia para a promoção da saúde	Conhecer as experiências, percepções e vivências sobre a fibromialgia em um grupo de mulheres, buscou também conhecer se as atividades em grupo trouxeram alguma contribuição a elas.	11 mulheres de 25 a 60 anos que tem o diagnóstico clínico de fibromialgia.
27	Função sexual feminina, desgaste emocional por insatisfação sexual e inteligência emocional	Estudar a função sexual feminina e sua associação com a insatisfação sexual e a inteligência emocional.	39 mulheres sexualmente ativas com idade acima de 18 anos
28	Sintomas neuropsiquiátricos do idoso com doença de Alzheimer e o desgaste do cuidador familiar	Analisar a relação entre o desgaste do cuidador familiar e a presença de sintomas neuropsiquiátricos em idosos com Alzheimer ou demência mista.	96 idosos com diagnóstico médico e 96 cuidadores familiares desses idosos.
29	O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil	Analisar as condições de saúde mental dos presos e custodianos e sua relação com o aprisionamento.	1573 presos e custodianos, dentre estes 1110 homens e 463 mulheres.
30	Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública	Avaliar a prevalência de sintomas de stress entre os estudantes da graduação de uma Universidade Pública.	635 estudantes, dentre eles 227 homens e 403 mulheres.

31	O custo da cura: vivências de conforto e desconforto de mulheres submetidas à braquiterapia	Descrever as vivências de confortos e desconfortos de mulheres que se submeteram à braquiterapia para o tratamento de câncer no colo do útero.	8 mulheres que concluíram em até 6 meses o tratamento de braquiterapia.
32	Sentimentos de gestantes de risco durante a fase de indução: estudo descritivo	Descrever como mulheres com gestação de risco perceberam o momento da indução do trabalho do parto e discutir sobre os sentimentos aflorados nesse momento.	10 puérperas em gestação de risco e parto induzido.
33	Perfil e Saúde Mental dos Fonoaudiólogos de uma Capital do Nordeste, Brasil	Descrever o perfil e a saúde mental de fonoaudiólogos de uma capital do Nordeste, Brasil.	36 fonoaudiólogos (33 mulheres e 3 homens) de clínicas públicas e privadas.
34	Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo	Identificar como o processo transexualizador são vivenciados pelas mulheres transexuais.	7 mulheres transexuais que realizaram o processo transexualizador há pelo menos dois anos.
35	Rastreamento de sintomas depressivos e ansiosos em mulheres no pós-parto: estudo descritivo	Analisar a prevalência de sintomas depressivos e ansiosos em mulheres durante os quatro primeiros meses pós-parto.	86 mulheres puérperas.
36	Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil	Analisar as situações de violência e sofrimento psíquico de travestis com foco em seus itinerários (espaços, lugares, instâncias, instituições) e contextos (família, escola, delegacia e serviços de saúde)	49 travestis
37	Fatores psicossociais e socioeconômicos relacionados à insônia e menopausa: Estudo Pró-Saúde	Avaliar a associação entre menopausa e insônia e a influência de variáveis socioeconômicas e psicossociais.	2.190 funcionárias de uma Universidade

38	Estresse e fatores associados em alunos de psicologia de uma universidade particular do sul do Brasil	Verificar a prevalência de estresse e os fatores associados em alunos de psicologia de uma universidade particular.	196 estudantes (151 mulheres e 45 homens) do turno noturno
39	"Carne crua e torrada": a experiência do sofrimento de ser queimada em mulheres nordestinas, Brasil	Descrever a experiência do sofrimento de ser queimada a partir das interfaces entre pobreza, violência de gênero e as queimaduras.	6 mulheres tratadas com grandes queimaduras, que estão de alta, mas continuam sendo atendidas no tratamento ambulatorial.
40	Investigação do estresse, ansiedade e depressão em mulheres com fibromialgia: um estudo comparativo	Investigar os índices de estresse, ansiedade e depressão em mulheres com fibromialgia, comparando-os com os de mulheres saudáveis.	25 mulheres com diagnóstico de fibromialgia e 25 mulheres sem o diagnóstico, pareadas por idade.
41	Efeitos da intervenção Hatha-Yoga nos níveis de estresse e ansiedade em mulheres mastectomizadas	Avaliar os efeitos da Hatha-Yoga nos níveis de estresse e ansiedade de mulheres mastectomizadas, bem como examinar a relação destes níveis com as variáveis: idade, estado civil, religião, escolaridade, profissão, tabagismo, etilismo, estadiamento da doença e fase de tratamento.	44 mulheres mastectomizadas, sendo 19 no grupo controle e 26 no grupo experimental.
42	Mulheres nas equipes de enfermagem: identificação organizacional e vivências de prazer e sofrimento	Analisar o grau de influência da identificação organizacional nas vivências de prazer e sofrimento das mulheres integrantes das equipes de enfermagem.	511 mulheres integrantes da equipe de enfermagem de dois hospitais, dentre elas 97 enfermeiras e 414 técnicas de enfermagem.
43	Estresse de homens e mulheres que buscam tratamento para infertilidade	Avaliar o nível de estresse de homens e mulheres que buscavam tratamento para infertilidade e identificar as variáveis associadas	101 homens e 101 mulheres em busca de um tratamento para infertilidade
44	Estresse ocupacional em mulheres policiais	Apresentar e discutir o estresse ocupacional vivenciado por mulheres policiais militares	42 mulheres, sendo 17 oficiais e 25 praças

45	Percepção de estresse e sintomas depressivos: funcionalidade e impacto na qualidade de vida em mulheres com fibromialgia	Comparar os sintomas depressivos e a percepção de estresse entre pacientes com fibromialgia e controles normais e investigar as relações entre essas características e a funcionalidade e o impacto na qualidade de vida no grupo de pacientes.	20 mulheres diagnosticadas com FM e 20 mulheres sem esse diagnóstico.
46	Jornadas de trabalho na enfermagem: entre necessidades individuais e condições de trabalho	Analisar fatores associados à jornada de trabalho profissional e à jornada de trabalho total (profissional e doméstica) em profissionais da enfermagem	696 trabalhadores da enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares), predominantemente as mulheres (87,8%) que trabalhavam em turnos diurnos e/ou noturnos.
47	Experiências psíquicas de mulheres frequentadoras da rede pública de saúde em Teresina (PI, Brasil)	Discutir os significados das experiências psíquicas de mulheres frequentadoras da rede pública de saúde em nível de Atenção Básica	10 mulheres adultas de 35 a 55 anos de idade, de classe média baixa, donas de casa e frequentadoras da Unidade Saúde da Família.
48	Gênero e manifestação de stress em hipertensos	Verificar a diferença na prevalência de sintomas de stress entre os gêneros.	103 adultos (70 mulheres e 33 homens)
49	Violência psicológica na prática profissional da enfermeira	Analisar a presença da violência psicológica na prática profissional da enfermeira, caracterizar o tipo de violência e o agressor e identificar as reações da vítima após a agressão	161 enfermeiras, com idade entre 22 e 57 anos.
50	Prevalência de transtornos mentais comuns auto referidos e sua relação com os serviços de saúde em municípios da Baixada Santista - SP	Identificar a prevalência de transtornos mentais comuns (TMC) e investigar a relação das pessoas que relataram tais problemas com o acesso aos serviços de saúde.	6803 pessoas residentes na Baixada Santista, sendo 3124 homens e 3679 mulheres.
51	Mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação	Compreender as motivações e os sentimentos que estão subjacentes ao discurso da mãe que doa o filho, bem como as repercussões desse ato em sua vida.	6 mulheres que doaram, no mínimo, 2 filhos.

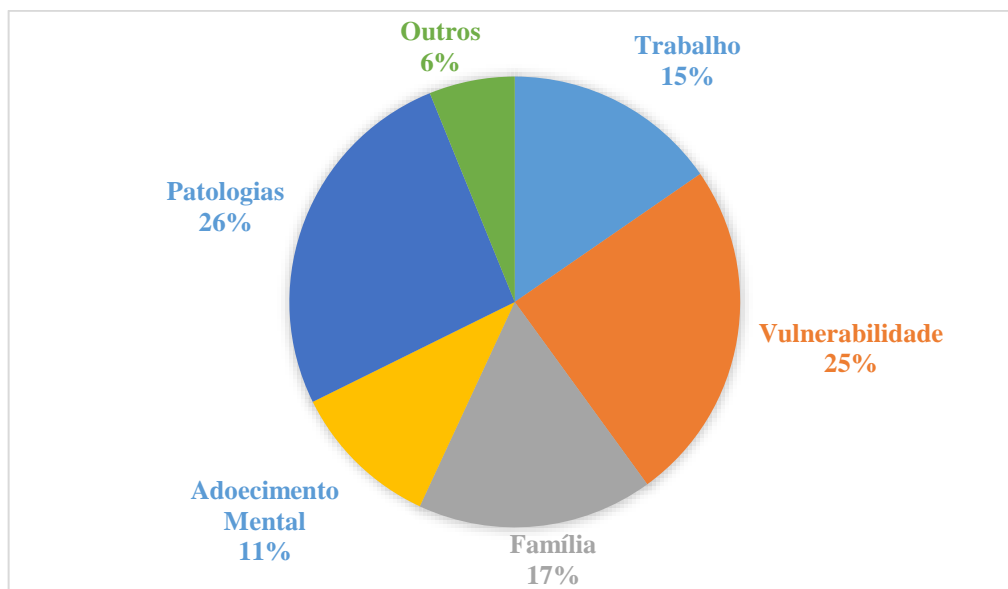
52	Fatores de risco do tecnoestresse em trabalhadores que utilizam tecnologias de informação e comunicação	Identificar fatores de risco sociodemográficos, laborais e psicossociais em 668 trabalhadores de organizações de Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC).	668 trabalhadores, sendo 398 mulheres e 270 homens.
53	O grupo como produtor de singularidades: o processo subjetivo como forjador de singularidades frente às pessoas que vivem com as DSTs	Descrever uma intervenção psicossocial junto a um grupo de mulheres infectadas com o vírus HIV.	Grupo de mulheres infectadas com o vírus HIV que são assistidas pela ONG Casa Mulher e Vida.
54	Interação entre qualidade do meio ambiente, estresse e a variação do gene APOE na determinação da suscetibilidade à fibromialgia	Investigar a influência genética e sua interação com qualidade ambiental e com estresse como possíveis fatores de risco para o desenvolvimento da fibromialgia.	Dois grupos de mulheres: 47 com diagnóstico do fibromialgia e 41 do grupo controle.
55	Repercussões dos determinantes sociais na saúde mental das migrantes haitianas em Goiás	Descrever e analisar as condições de vida das haitianas e compreender suas implicações na saúde mental dessas mulheres	38 mulheres haitianas migrantes
56	A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais	Apresentar e discutir a teoria do estresse de minoria (EM) em indivíduos LGB.	Pessoas LGB
57	Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais	Objetiva a adaptação transcultural e a produção de evidências de validade para o contexto brasileiro de um protocolo para avaliação do EM em LGBs (PEM-LGB-BR)	1451 indivíduos LGBT de 18 a 70 anos, dentre estes 739 se identificam como do gênero masculino e 712 como do gênero feminino.
58	Existência e resistência dos corpos loucos: o corpo em processo e a reforma psiquiátrica brasileira	Discutir o cuidado a partir e pelo corpo, sem reduzi-lo ao locus de doença, propondo-se construções clínicas condizentes com a atenção psicossocial	Dois usuários em situação de crise, um homem e uma mulher

59	Esgotamento profissional e satisfação no trabalho em trabalhadores do setor de emergência e terapia intensiva em hospital público	Estimar fatores associados à prevalência de síndrome de Burnout (SB) e satisfação no trabalho (ST) de equipes da sala de emergência e do centro de tratamento intensivo (CTI) de hospital público de grande porte.	91 profissionais da saúde de um hospital de grande porte. Dentre estes, 52 são mulheres e 39 homens
----	---	--	---

Fonte: Autor (2022)

Tendo em vista que os aspectos são multicausais, apresentamos abaixo as principais temáticas que envolvem o sofrimento psíquico da mulher nos artigos encontrados (Figura 6).

Figura 6: Proporção das principais temáticas que envolvem a saúde mental da mulher encontrada nos estudos



Fonte: Autor (2022)

Apresentaremos abaixo os principais temas, quais estudos encontrados se relacionam com cada tema e o que esses estudos dizem acerca do sofrimento psíquico das mulheres.

5.2.1 Saúde mental: Mulheres que se encontram em situação de adoecimento psíquico.

Um total de cinco estudos tem como foco principal a questão do sofrimento associado ao adoecimento psíquico e outros dois estudos relacionam o adoecimento psíquico com outros fatores, por isso relacionam-se com esta e com outras categorias.

Os estudos que abordam a questão do adoecimento psíquico como foco principal do artigo, trazem os seguintes aspectos: a questão dos transtornos mentais comuns (TMC) dos moradores dos municípios da Baixada Santista-SP e se essas pessoas buscam os serviços de saúde (MORAIS, SEGRI, 2011). Foi encontrado como resultado que a quantidade de mulheres que apresentam TMC são o dobro dos homens e que essa prevalência aumenta com a idade e com o estado civil (viúvas apresentam os maiores índices).

Outro estudo investiga a prevalência de depressão em mulheres atendidas pela ESF (GONÇALVES *et al.*, 2018). Foi encontrado que das 1.958 mulheres que frequentam a ESF,

19,7% apresentam diagnóstico de depressão. Outro artigo analisa o prontuário de 181 pessoas que ouvem vozes e analisa o conteúdo dessas vozes a partir de alguns recortes escolhidos pelos autores (KANTORSKI *et al.*, 2020). Os resultados indicam que existe uma influência de valores e estereótipos socioculturais no conteúdo das vozes ouvidas e, no caso das mulheres, as vozes ouvidas relacionam-se com papéis sociais, corpo e violências vivenciadas pelas mesmas. Outro artigo traz reflexões acerca da dificuldade de profissionais realizarem o diagnóstico de Transtorno Somatoforme (TS) apesar da sintomatologia estar presente (REINERT *et al.*, 2016). E por fim sobre a vivência da loucura e o processo de cuidado no contexto da reforma psiquiátrica (experiência comparativa de uma intervenção de um homem e uma mulher no contexto de internação) (BENETTI *et al.*, 2020).

Os outros estudos que abarcam a questão da saúde mental associado à outras demandas trazem: a questão das mulheres adoecidas psiquicamente e as dificuldades associadas ao seu retorno ao mercado formal de trabalho (VITALI *et al.*, 2020) e a questão dos TMC em mulheres mais vulneráveis que vivem no meio rural (FURTADO *et al.*, 2019).

5.2.2 Trabalho

Foram encontrados um total de oito estudos que têm como foco principal a questão do trabalho e dois estudos relacionam a questão do trabalho com outros fatores, se encontrando em mais de uma categoria.

Sobre os oito estudos que associam diretamente o sofrimento de mulheres ao labor, os objetivos dos estudos trazem em grande quantidade a questão do sofrimento de mulheres trabalhadoras da área da saúde (PIMENTEL *et al.* 2016; VIEIRA *et al.* 2013; SILVA, ROTENBERG, FISCHER, 2011; BARBOSA *et al.* 2011; ROCHA *et al.* 2019) dando um enfoque especial para os profissionais da enfermagem que apareceram em 4 destes estudos (VIEIRA *et al.* 2013; SILVA, ROTENBERG, FISCHER, 2011; BARBOSA *et al.* 2011; ROCHA *et al.* 2019). Os outros trazem o sofrimento das mulheres da área da tecnologia, discutindo sobre a insegurança profissional que as mulheres sentem nessa área (CARLOTTO, 2010). O sofrimento das mulheres da área da segurança discutindo sobre o sofrimento psíquico de mulheres policiais que muitas vezes são designadas automaticamente para trabalhos administrativos, discriminação de gênero e assédio (BEZERRA, MINAYO, CONSTANTINO, 2013) e análise do sofrimento de mulheres trabalhadoras de uma Universidade relacionando com sua área de trabalho (ROBAINA *et al.*, 2015).

Os dois estudos que associam o trabalho a outros fatores e que se encontram em mais de uma categoria são: o artigo citado anteriormente na aba de adoecimento psíquico, pois relaciona a representação social do trabalho para mulheres que passaram por um processo de adoecimento psíquico (VITALI *et al.*, 2020) e o estudo que compara as situações de saúde de cuidadores de idosos formais e informais (familiares dos idosos) (DINIZ *et al.*, 2018). Os cuidadores formais do estudo são compostos em 86% de mulheres e relatam que se sentem sobrecarregados com a rotina de trabalho.

5.2.3 Família e maternidade

Os estudos que relacionam diretamente o sofrimento psíquico da mulher com aspectos envolvendo família e maternidade foram encontrados em um total de nove artigos e um destes relaciona esses fatores com outros aspectos, estando em mais de uma categoria.

Sobre os estudos que estão mais associados ao sofrimento e a maternidade, destaca-se: as mulheres que estão em sofrimento devido ao cuidado e especificidades dos filhos acometidos por problemáticas de saúde que necessitam de serviços de home care e de cuidados constantes (SANTOS, MINAYO, 2020). O sofrimento psíquico de mulheres que cuidam dos filhos que possuem complicações decorrentes do Zika Vírus e que possuem medo e ansiedade decorrente do quadro dos filhos (BULHÕES *et al.*, 2019). Há também estudos mais associados à gestação e ao puerpério, com uma análise dos sentimentos de mulheres que passaram por uma situação de gestação de risco (LIMA *et al.*, 2016) e a análise da prevalência de sintomas depressivos e ansiosos em mulheres após o parto (PEREIRA *et al.*, 2015). Um estudo analisa as similaridades e diferenças da relação aos sentimentos de casais de homens ou mulheres inférteis, tendo como resultado que a mulher é mais afetada emocionalmente quando ela que é a pessoa infértil do casal em comparação aos homens na mesma situação. Além disso, as mulheres também apresentaram maiores níveis de estresse em três dos quatro domínios analisados no estudo, sendo eles o relacionamento social com outras pessoas além do casal, a ideia da vida sem filhos e à maternidade. Os homens apresentaram maior nível de estresse somente no domínio de relacionamento conjugal/sexual, pensando em aspectos referente a paternidade ser uma legitimação da masculinidade e da virilidade (GRADVOHL, OSIS, MAKUCH, 2013).

Sobre os estudos que estão mais associados ao sofrimento e o cuidado com a família em geral, encontra-se: a análise sobre o nível de estresse de familiares que se encontram em uma sala de espera dos familiares em um centro cirúrgico, tendo 69% de mulheres nesse grupo (GUERREIRO *et al.*, 2019). Sobre os cuidados com familiares de pacientes com Alzheimer, há

dois estudos: um avaliando os benefícios de intervenção cognitiva domiciliar para os familiares que cuidam de idosos com Alzheimer, sendo 88% desse grupo composto por mulheres (CAPARRO *et al.*, 2018) e outro analisando o desgaste dos cuidadores de idosos com Alzheimer, tendo novamente 90,6% de mulheres nesse grupo (STORTI *et al.*, 2016).

Sobre o estudo que relaciona esses aspectos com outras categorias, temos: o estudo citado na categoria que compara as condições de saúde de cuidadores formais e informais de idosos, tendo 85% de mulheres na situação de cuidadoras informais dos familiares, esse grupo apresenta as piores condições de saúde e menores níveis de escolaridade em comparação às cuidadoras formais (DINIZ *et al.*, 2018).

Destaca-se associativamente com a primeira categoria que, ao mesmo tempo em que as mulheres concentram a maior parte dos diagnósticos de TMC na Atenção Primária, elas são também destacadas como as principais cuidadoras dos demais processos de adoecimento, sendo portanto, alvo e protagonistas das redes de cuidados.

5.2.4 Vulnerabilidades

Nessa categoria, foi abarcado diversas problemáticas que associam o sofrimento psíquico de mulheres com fatores envolvendo aspectos interseccionais que aumentam a vulnerabilidade destas, como por exemplo: raça, etnia, sexualidade, identidade de gênero, doenças prévias, vulnerabilidade social. Muitos desses aspectos se misturam e são indissociáveis entre si em alguns artigos. Portanto, a apresentação de alguns resultados dessa categoria será feita por artigo e não por subtemáticas. Foram encontrados catorze artigos relacionando o sofrimento psíquico de mulheres com aspectos interseccionais.

Três artigos associavam sofrimento psíquico, gênero e sexualidade, sendo eles: a avaliação do estresse e a saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais (PAVELTCHUK, BORSA, DAMÁSIO, 2019), a associação da Teoria do Estresse de Minorias (EM) em mulheres lésbicas, bissexuais e homens gays (PAVELTCHUK, BORSA, 2020) e a avaliação da adaptação do protocolo para avaliar o estresse de minorias em mulheres lésbicas, bissexuais e homens gays (COSTA *et al.*, 2020). Esses artigos discutem que quanto maior as situações de preconceitos vivenciados por pessoas LGB, menores os níveis de bem-estar social. A teoria do estresse de minorias se relacionam com corpos LGB pensando nos fatores estressores que essas pessoas possuem em seu cotidiano.

Sobre os artigos que dialogam acerca do sofrimento psíquico de mulheres transexuais e travestis, foram encontrados três artigos, sendo eles: o debate acerca da judicialização do corpo

e da vivência de pessoas não-heterossexuais e não-cisgêneras (dentre elas, uma mulher cis e uma travesti), a partir da análise de laudos psiquiátricos de Hospitais de Custódia (GUIMARÃES, PAULON, NARDI, 2018). Outros estudos discutem sobre os reflexos do processo transexualizador em mulheres transexuais (PETRY, 2015) e sobre a violência e o sofrimento no cotidiano de travestis a partir de uma investigação dos seus relatos a partir dos serviços e locais que elas frequentam (SOUZA, 2015).

Em relação ao sofrimento psíquico referente a um contexto de maior vulnerabilidade social e pobreza, temos 3 artigos. Seus diálogos relacionam-se com: a pobreza, adoecimento psíquico e violência doméstica no meio rural, artigo citado também na categoria de adoecimento psíquico (FURTADO et al., 2019), sobre os sentimentos de mulheres que tiveram que doar seus filhos devido a sua vulnerabilidade social, insegurança financeira e falta de apoio familiar e do parceiro (MENEZES, DIAS, 2011) e sobre o impacto na saúde mental da prisão em presos e presas no estado do Rio de Janeiro, tendo homens pretos e pardos em sua grande maioria na amostra do grupo, porém o estudo apresentou níveis um pouco maiores de depressão e estresse em mulheres (CONSTANTINO, ASSIS, PINTO, 2016).

Em relação aos aspectos étnico-raciais, temos apenas um artigo que discute diretamente a saúde mental de mulheres negras e técnicas de acolhimento de psicoterapeutas para acolhimento em saúde mental voltado a demandas dessa natureza (TAVARES, KURATANI, 2019) e relacionado a etnia, um artigo que discute o sofrimento psíquico de migrantes haitianas que vivem no Brasil e as dificuldades que elas possuem em seu cotidiano (LIMA, SOUZA, NUNES, 2020).

Referentes a violência contra mulher como fator de sofrimento psíquico, temos: o debate acerca das vivências de violência (SIQUEIRA *et al.*, 2018) e as experiências psíquicas (CAVALCANTE, SILVA, 2011) que mulheres que são atendidas na atenção básica foram sujeitas. E sobre a violência e vulnerabilidade social da vida de mulheres que foram queimadas e possuem as marcas dessas violências em seus corpos (ARRUDA, BRAIDE, NATIONS, 2014).

5.2.5 Patologias associadas ao sofrimento psíquico

A questão do sofrimento mental da mulher como consequência de uma alguma patologia apareceu em dezessete artigos. As patologias citadas pelos artigos foram:

- a) Fibromialgia (OLIVEIRA et al., 2019; BARBOZA, SOUZA, BITTAR, 2016; RAMIRO et al., 2013; HOMANN et at., 2012; BECKER et al., 2010);

- b) HIV (MELO et al., 2019; PEREIRA, et al. 2019; SILVA, FERRAZ, 2010)
- c) Endometriose (BRILHANTE et al., 2019; OLIVEIRA, BRILHANTE, LOURINHO, 2018; DONATTI et al., 2017)
- d) Câncer (FERNANDES, CARVALHO, FERREIRA, 2019; SOARES et al., 2016; BERNARDI et al, 2013)
- e) Dores osteomusculares crônicas (SOBRINHO et al., 2019)
- f) Diabetes (MELO, 2019)
- g) Hipertensão (WOTTRICH et al., 2011)

A grande maioria dos artigos trazem a questão dos sintomas depressivos e do estresse causadas pela patologia em questão como um fator de sofrimento psíquico para as mulheres, seja por consequência de sintomas como a dor crônica, seja por consequência do próprio processo de adoecimento/tratamento.

Em contrapartida, alguns artigos trazem a questão da negligência no diagnóstico de patologias orgânicas em mulheres com sofrimento mental (BRILHANTE et al., 2019; OLIVEIRA, BRILHANTE, LOURINHO, 2018), pensando em aspectos de que a mulher é educada a tratar a dor como um processo natural e sobre o despreparo profissional para avaliar essas situações.

Um artigo compara a repercussão do câncer de mama na mulher e do câncer de próstata nos homens (FERNANDES, CARVALHO, FERREIRA, 2019), e foi encontrado de diferenças que o sofrimento do homem está mais associado à sua impossibilidade de trabalhar fora de casa e na mulher por não conseguir realizar as atividades de casa. Em relação ao tratamento, os homens veem como uma garantia à vida e as mulheres possuem inseguranças acerca da sua aparência física em relação a mastectomia e perda de cabelos.

Cabe ressaltar também que de todos os oito artigos que se referem à intervenção à saúde mental da mulher, cinco deles estão presentes neste tema de interface com outras patologias (SILVA, FERRAZ, 2010; BERNARDI et al, 2013; BARBOZA, SOUZA, BITTAR, 2016; DONATTI et al., 2017; OLIVEIRA et al., 2019) e os três restantes nos demais temas.

5.2.6 Outros

Os cinco artigos presentes nessa categoria não se relacionam diretamente com nenhuma outra categoria citada anteriormente. Muitos realizam pesquisas com estudantes universitários de cursos variados e os níveis de estresse destes, como de odontologia na fase clínica e pré-clínica, tendo mulheres na fase clínica mais estressadas que os homens na mesma categoria

(MUNIZ et al., 2019), a avaliação de estresse de estudantes de uma universidade pública, tendo as mulheres como tendo o maior percentual de estresse (LAMEU, SALAZAR, SOUZA, 2016), sobre o estresse de estudantes de psicologia em uma universidade privada, também tendo 77% das mulheres investigadas como mais estressadas (VIEIRA, SCHERMANN, 2015).

Um artigo traz a questão da insatisfação sexual feminina como um fator de desgaste emocional para as mulheres, tendo mulheres mais jovens e que se encontram em relacionamentos mais recentes como as mais propensas à insatisfação sexual (ANTÔNIO et al., 2016).

Outro artigo faz uma análise sobre a comunicação e o cuidado de profissionais de saúde às mulheres que estão em sofrimento em detrimento do luto perinatal, elas expressam sentimento de angústia e sofrimento pela situação em si e em como o profissional deu a notícia (PEREIRA *et al.*, 2018).

A partir de todos os temas anteriores, temos na Figura 7 uma nuvem de palavras montada a partir das principais temáticas referentes ao sofrimento psíquico da mulher encontradas nesta pesquisa. Os temas que estão em maior tamanho são os que mais aparecem e os que estão em menores tamanhos os que menos aparecem.

Figura 7: Nuvem de palavras acerca dos principais temas encontrados nos estudos



Fonte: WordArt (2022)

DISCUSSÕES

A discussão deste trabalho será dividida em quatro tópicos construídos através da relação dos temas que emergiram dos estudos selecionados. Eles serão: o impacto do trabalho na saúde mental, o cuidar e ser cuidada, a vulnerabilidade como produtor de sofrimento psíquico e os impactos do adoecimento mental no cotidiano das mulheres e as redes de atenção à saúde da mulher.

6.1 Gênero e Trabalho

Existe em nossa sociedade uma desigualdade nas relações de gênero e raça no mercado de trabalho no Brasil. A discriminação de gênero e raça associada aos aspectos culturais e sociais do Brasil gera ainda mais exclusão social e reprodução da pobreza e da vulnerabilidade social, aumentando ainda mais os marcadores sociais da diferença desse coletivo de indivíduos (ABRAMO, 2006).

Segundo os dados da PNAD de 1992 a 2003, a taxa de desemprego das mulheres negras é quase o dobro da taxa de desemprego de homens brancos. Os diferenciais de remuneração também perpassam pelos recortes de gênero e raça. Mulheres brancas recebem em média 66% menos do que os homens brancos recebem e as mulheres negras recebem 32% da remuneração dos homens brancos. Esses números seguem a mesma lógica dos brancos e negros escolarizados e nas diferentes taxas de precarização e informalidade do trabalho. A taxa de mulheres que se ocupam somente do serviço doméstico no Brasil é de 18%, essa taxa está entre as mais altas entre os países latino-americanos (ABRAMO, 2006).

Segundo dados atuais de 2019, os homens tiveram um rendimento mensal quase 30% maior do que as mulheres. Mesmo as mulheres em idade de trabalhar sendo a maioria populacional (52,4%), os homens faziam parte de 56,8% da população que trabalhava. Parte das mulheres não possuíam um trabalho remunerado devido às demandas de cuidado com a casa e com os filhos. O recorte racial no trabalho também se relaciona com os dados de 1992, em que as pessoas brancas tiveram rendimentos quase 30% maiores que a média nacional e pessoas pretas e pardas tiveram rendimentos de, respectivamente, 25,5% e 27,5% inferiores à média nacional (BARROS, 2020).

Segundo Federici (2019), a atribuição das mulheres ao que envolve o ambiente doméstico não foi só algo imposto mas também faz parte do imaginário social de que isso é algo natural da personalidade das mulheres. Esse trabalho foi classificado como não remunerado por ser algo natural e inevitável da natureza feminina. As mulheres ainda trabalham 72% a mais que os homens nas demandas do ambiente doméstico (CALEGARI, 2018).

A dupla jornada de trabalho como causa principal do sofrimento psíquico não foi o foco de nenhum dos estudos encontrados, entretanto, essa questão aparece como resultado em um dos artigos que tem o trabalho remunerado como foco e investiga a sobrecarga e estresse dos trabalhadores (SILVA; ROTENBERG; FISCHER, 2011). Esse aspecto pode ser um importante produtor de estresse e sobrecarga das mulheres pensando no avanço das mulheres no mercado de trabalho e ao mesmo tempo no papel central (e quase exclusivo em muitos casos) destas nas tarefas domésticas, familiares e de cuidado. A questão das mulheres no cuidado e das mulheres no trabalho apareceu em muitos estudos encontrados acerca da saúde mental das mulheres.

Davis (2016) também considera que os papéis e os estereótipos destinados ao feminino, como a fragilidade, a maternidade, as relações de cuidado e a submissão, são construções sócio-políticas produzidas pelo capitalismo neoliberal, que necessita de corpos destinados à manutenção do lar para que haja corpos destinados para a produção econômica, estagnando o trabalho doméstico como não-produtivo e sem remuneração às mulheres. Porém, para a pesquisadora, também é necessário fazer o recorte racial e de classe dentro dessa reflexão, pensando na atribuição direta das mulheres negras ao trabalho doméstico não remunerado e remunerado, sendo este muitas vezes submetido a situações de negação e de violência. Há uma terceirização do trabalho de cuidado doméstico-familiar das mulheres brancas ricas para as mulheres negras e pobres (DAVIS, 2016; SILVA; GARCIA, 2019).

É possível observar essa relação a partir de um estudo que analisou a relação entre as patroas e as empregadas domésticas no estado do Rio de Janeiro, em que, ao perguntarem às patroas sobre o que elas fariam em relação aos seus afazeres domésticos caso não pudessem contar com o trabalho de uma empregada doméstica, nenhuma delas cogitaram envolver seus companheiros nessa rotina de trabalho e cuidado com o lar. Suas alternativas foram pedir demissão de seus trabalhos para fazerem esse trabalho ou pedir ajuda às suas mães ou sogras (SILVA, 2008 apud. SILVA; VELLOSO, 2019).

É notório que as mulheres se sentem exaustas e sobrecarregadas com o trabalho remunerado somado ao tempo dedicado ao trabalho doméstico, fazendo com que elas possuam menos tempo para o sono, descanso, atividades de lazer e atividades de autocuidado (SILVA, ROTENBERG, FISCHER, 2011). Mesmo assim, é visível que há uma grande dificuldade destas em associar ou transferir parte do trabalho e da responsabilidade doméstica aos homens da família (seja o marido ou os filhos).

6.1.1 A divisão sexual do trabalho remunerado

Outros paralelos relacionados às mulheres no mercado de trabalho estão relacionados a divisão sexual do trabalho, esses fatores são observados a partir dos resultados encontrados: a grande prevalência das mulheres nas profissões de cuidado - como cuidadoras formais (DINIZ et al., 2018), enfermeiras (VIEIRA et al, 2013; SILVA, ROTENBERG, FISCHER, 2011; BARBOSA et al., 2011; ROCHA et al., 2019) e fonoaudiólogas (PIMENTEL, SALES, VIEIRA, 2016) e ao sofrimento psíquico de mulheres em profissões historicamente e socialmente dominada por homens: como o caso de mulheres policiais (BEZERRA, MINAYO, CONSTANTINO, 2013) e de mulheres da área de Tecnologia da Comunicação e Informação (TIC) (CARLOTTO, 2010).

Em relação ao primeiro aspecto, é notório o papel das mulheres na área da saúde e da assistência social, que são áreas que se relacionam diretamente ao cuidado com as outras pessoas. Segundo o CONASEMS, as mulheres representam 65% dos profissionais de saúde no setor público e privado. Profissões como Fonoaudiologia, Nutrição e Serviço Social por exemplo, as mulheres são 90% dos profissionais totais (HERNANDES; VIEIRA, 2020).

Pensando em profissionais como Médicos, Agentes Comunitários, Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem, as mulheres correspondem a 78,9% do total desses profissionais. A única categoria profissional destas citadas anteriormente cuja as mulheres não são a maioria são a de médicos, em que as mulheres correspondem a 47,5% do total. Os outros postos possuem grande prevalência feminina, coincidentemente ou não, são postos de trabalho com menor remuneração e valorização social dentre os profissionais de saúde (HERNANDES; VIEIRA, 2020).

Segundo Figueiredo et al. (2018), a criação de novas oportunidades para mulheres no mercado de trabalho surgiu a partir do início do século XX, com o desenvolvimento econômico e o movimento higienista no contexto das grandes guerras mundiais. No caso da Terapia Ocupacional por exemplo, que teve seu surgimento exatamente nesse contexto para minimizar os impactos físicos e mentais de soldados que voltavam das guerras, tem-se uma discussão de que os estereótipos da profissão estão muito associados à figura feminina na nossa sociedade, como a habilidade inata para o cuidar, a realização de tarefas finas, bondade, paciência. Esses aspectos influenciam muito na relação de gênero neste núcleo profissional (FIGUEIREDO et al., 2018).

O modelo de segregação de gênero influenciou o desenvolvimento de diversas profissões direcionadas às mulheres, como a terapia ocupacional, uma vez que requeriam a concretização de ações e papéis esperados pela mulher na sociedade (FIGUEIREDO et al., 2018, pp. 124)

Não é possível desvincular as influências sócio-culturais das instituições, dos símbolos, das políticas e das leis. Portanto, o trabalho das mulheres na saúde é socialmente aceito porque a sociedade entende que o cuidado é intrínseco ao feminino e ao cotidiano da mulher. Culturalmente, a sociedade entende que em algumas áreas, é necessário a força, a virilidade, a lógica do homem e em outras o cuidado, a delicadeza, a paciência e a atenção da mulher (BORGES; DETONI, 2017).

Esses aspectos também influenciam no sofrimento psíquico da mulher em lugares ou posições que socialmente são estabelecidos como um trabalho dos homens e vice-versa. Na medida em que as mulheres passaram a ocupar maior número de empregos em áreas dominadas por homens, elas passaram a serem mais mal tratadas, terem piores condições de trabalho e passarem por mais situações de discriminação (MILNER et al., 2018). Os estudos encontrados confirmam essa tese, pois tem como resultados que as mulheres policiais, além de sofrerem discriminação e assédio, são destinadas automaticamente a tarefas organizacionais e gerenciais, a partir da ideia de que são frágeis para os trabalhos práticos nas ruas (BEZERRA; MINAYO; CONSTANTINO, 2013). No caso das mulheres que trabalham na área de TIC, elas apresentaram maiores taxas de descrença de si, fadiga, ansiedade e ineficácia que os homens. Esse sofrimento é visível tanto nas situações em que elas possuem postos de menor qualificação e participação no trabalho, quanto em situações que elas estão em posições elevadas, pois mesmo assim elas têm que lidar com situações de discriminação de gênero por serem mulheres e estarem nesse lugar (CARLOTTO; CÂMARA, 2010).

6.2 Adoecimento das mulheres e o papel da cuidadora: quem cuida de quem cuida?

O outro lado da divisão sexual do trabalho se relaciona à grande prevalência da presença das mulheres no cuidado das dinâmicas da casa, dos filhos, do companheiro e destes ou outros familiares que necessitam de cuidados constantes. Entretanto, tendo em vista que as mulheres são as pessoas que assumem esse papel na família, quem assume esse papel quando elas são as pessoas que adoecem e que precisam de cuidado? Foram encontrados um total de dezessete artigos que relacionam o sofrimento psíquico das mulheres ao seu próprio adoecimento. Além das questões referentes às dores crônicas causadas pela doença, ao estigma que ela pode carregar a depender da patologia e à negligência no diagnóstico, podemos levar em consideração a relação entre o sofrimento causado pelo adoecimento e o papel esperado das mulheres em cuidar da casa e de outras pessoas adoecidas.

Foram encontrados um total de dois estudos de mulheres que cuidam de seus filhos que necessitam de cuidados integrais (BULHÕES et al, 2019; SANTOS, MINAYO, 2020) e um total de quatro estudos de mulheres que são a maioria nos cuidados informais de outros familiares mais velhos, que necessitam de cuidados integrais ou pontuais (STORTI et al., 2016; CAPARRO et al., 2018; DINIZ et al., 2018; GUERREIRO et al., 2019). No caso do estudo de Storti et al. (2016), as mulheres representam um total de 90,6% de todos os cuidadores de idosos com Alzheimer investigados no estudo. Tanto no caso da maternidade e dos cuidados com outros familiares, as mulheres apresentam sintomas como sobrecarga, ansiedade, estresse, preocupação e insônias.

Mathias et al. (2015) realizou uma revisão de literatura sobre as repercussões familiares quando um adulto adoece de câncer. Foi encontrado como parte dos resultados que as mulheres, sejam elas a mãe, esposa, avó ou tia, assumem o papel de cuidado constante de pessoas em adoecimento oncológico. Esse novo papel ocupado por esse cuidador causa um aumento na demanda das atividades diárias, podendo apresentar também sentimentos de depressão, nutrição precária, diminuição da participação social, dores osteomusculares, dentre outros aspectos. Entretanto, o câncer que mais acarreta problemas no relacionamento conjugal é o câncer de mama nas mulheres, causando aspectos como desestruturação no relacionamento, traição do companheiro, mudanças na relação sexual do casal, separação, uso abusivo de álcool por parte dos maridos e sua ausência em casa. A justificativa dessa ruptura relaciona-se com o enfraquecimento do papel de esposa e de cuidadora do lar devido à sua saúde debilitada (MATHIAS et al., 2015).

Brandão (2016) realizou uma pesquisa exploratória descritiva para traçar o perfil demográfico dos familiares que cuidam de mulheres com câncer. Participaram cinquenta familiares cuidadores em sua pesquisa, destes 88% dos cuidadores dessas mulheres eram outras mulheres, sendo elas filhas (54%) e/ou irmãs (22%), e somente 12% dos cuidadores dessas mulheres eram homens.

Outro dado encontrado nesta investigação é que 21% dos cuidadores totais referiram ter problemas de saúde e fazem uso de medicações, ou seja, os familiares que cuidam também podem apresentar problemas de saúde e ainda assim serem responsáveis por esse cuidado (BRANDÃO, 2016). Esse dado também aparece no estudo de Diniz et al. (2018), que 40% dos cuidadores informais de idosos apresentam hipertensão arterial e 28,6% apresentam lombalgia.

6.3 As vulnerabilidades como produtoras de sofrimento psíquico

A desigualdade de gênero não se constitui da mesma maneira em todos os contextos e segmentos populacionais, porque ela se relaciona diretamente com outros aspectos interseccionais (BUTLER, 2007), sendo eles os aspectos étnico-raciais, a desigualdade social, as dissidências em sexualidade e gênero, a deficiência, o envelhecimento, a cultura e a religião, por exemplo. Esses aspectos articulam-se entre si e podem contribuir para o aumento da vulnerabilidade biopsicossocial e, conseqüentemente, maior chance de sofrimento psíquico da mulher na sociedade.

Os artigos que se relacionam-se com o sofrimento psíquico e os aspectos interseccionais, fazem interface da questão do gênero com os aspectos étnico-raciais (TAVARES, KURATANI, 2019; LIMA, SOUZA, NUNES, 2020), com a dissidência de gênero (GUIMARÃES, PAULON, NARDI, 2018; PETRY, 2015; SOUZA, 2015), a dissidência de sexualidade (PAVELTCHUK, BORSA, DAMÁSIO, 2019; PAVELTCHUK, BORSA, 2020; COSTA et al., 2020), e com a classe social (FURTADO et al., 2019; MENEZES, DIAS, 2011; CONSTANTINO, ASSIS, PINTO, 2016).

O tema da interseccionalidade ainda é insuficientemente abordado nos estudos de gênero na interface com a Saúde Mental, uma vez que apenas na última década esse tema passou a ganhar maior espaço nos debates das políticas públicas de saúde mental no Brasil, mas ainda está longe de ganhar a centralidade que merece. Sem a intenção de esgotar a importância dessa temática, daremos neste estudo, ênfase aos aspectos étnico-racial, de classe, além do tema central à esse trabalho, que é gênero.

6.3.1 Aspectos étnico-raciais e de classe social

Para Gonzales (1984), o racismo relaciona-se à *neurose cultural brasileira*. Para ela, a neurose, enquanto transtorno psíquico, é caracterizada pelo desequilíbrio mental que está presente no inconsciente, que afeta as emoções causando instabilidade e sofrimento, mesmo não sendo algo consciente. Ou seja, o racismo, sustentado pelo discurso da democracia racial, é de forma semelhante ocultado e negado pelo imaginário social brasileiro, tratando casos de sofrimento desencadeados por práticas discriminatórias como algo atípico, isolado e individual (GONZALES, 1984; PASSOS, 2018).

A articulação entre o racismo e o sexismo traz efeitos violentos para a mulher negra. É ela quem ocupa a maior parte dos trabalhos voltados à prestação de serviços e quem cuida da própria casa sozinha, tendo em vista a violência que os homens negros – seu

companheiro, seus irmãos, seus filhos – sofrem através da violência policial e institucional sistemática (GONZALES, 1984). Essa reflexão pode ser justificada tanto pela população carcerária, quanto pelos índices de homicídio no Brasil, em que sua maioria são compostos por homens negros menores de 30 anos de idade.

Além disso, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2018, 73% das pessoas que vivem em situação de pobreza no Brasil são pretos ou pardos. Já o número de pessoas vivendo em extrema pobreza atingiu a marca de 13,5 milhões de pessoas. A extrema pobreza, segundo o Banco Mundial, é caracterizada pelo grupo de pessoas que vivem com renda per capita inferior a 145 reais por mês ou U\$S 1,90 por dia. O índice de pessoas vivendo em situação de pobreza, com renda per capita inferior a U\$S 5,50 por dia, atinge 52,5 milhões de pessoas (IBGE, 2019). Esses índices são relevantes pensando que a pobreza e a vulnerabilidade também são consideradas determinantes sociais da saúde mental, por serem fatores de risco para a saúde da população (BUSS; FILHO, 2006).

Somente um artigo trouxe a questão do racismo como produtor de sofrimento psíquico para a mulher negra (TAVARES, KURATANI, 2019), um artigo trouxe a questão do sofrimento psíquico de mulheres haitianas que vivem no Brasil (LIMA, SOUZA, NUNES, 2020) e três sobre o sofrimento psíquico agravado pela desigualdade social (MENEZES, DIAS, 2011; FURTADO et al., 2019; CONSTANTINO, ASSIS, PINTO, 2016). Essa quantidade de estudos é certamente insuficiente frente ao aumento da sensibilização da produção acadêmica brasileira, cujo número de publicações acerca da temática do racismo e da desigualdade social aumentaram 28 vezes nos últimos 20 anos (ALVES, GAMBA, 2019).

É necessário trazer a questão política e sociocultural para o centro do debate em saúde mental. O Brasil possui um histórico escravocrata e de políticas de embranquecimento que ainda hoje refletem as desigualdades do país, trazendo graves estatísticas, como: os seis anos de diferença de expectativa de vida das pessoas negras em relação a pessoas brancas, o número de 75% das pessoas mais pobres serem pessoas negras e, mesmo sendo maioria na sociedade brasileira, ainda são minoria em espaços e cargos de poder, dentro outros aspectos que influenciam na qualidade de vida e saúde mental das pessoas negras. Esses aspectos são responsáveis por questões como: a vontade das pessoas negras apagarem seus traços corporais que refletem ao corpo negro para se aproximar dos privilégios da branquitude, o auto-ódio e o sentimento de culpa quando são vítimas de violência (VEIGA, 2019). O auto-ódio também pode ser um produto do racismo que pode impactar na solidão da mulher negra, pois, segundo o IBGE, o casamento inter-racial (com pessoas da mesma raça) é maior entre pessoas brancas

(74,5%), seguida das pessoas pardas (68,5%) e depois as indígenas (65%). Entre as pessoas com mais de 50 anos, as mulheres negras eram a maioria da população que nunca viveram com um cônjuge (VIEIRA, 2012).

6.3.2 A dissidência de gênero e/ou sexualidade

A sociedade cisheteronormativa impacta na qualidade de vida de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade a partir dos processos de exclusão, discriminação e marginalização, pensando que essas pessoas não se relacionam com a norma esperada pela sociedade (SOMBINI et al., 2021). Esses aspectos apareceram em seis estudos que discutem o sofrimento psíquico de mulheres cis lésbicas e bissexuais, de mulheres transexuais e travestis (PETRY, 2015; SOUZA, 2015; GUIMARÃES, PAULON, NARDI, 2018; PAVELTCHUK, BORSA, DAMÁSIO, 2019; PAVELTCHUK, BORSA, 2020; COSTA et al., 2020).

O estigma social dos corpos dissidentes de gênero e de sexualidade podem impactar diversos aspectos da vida dessas pessoas, como nos espaços profissionais, familiares, sociais, em serviços de saúde, dentre outros. Pessoas que vivem com maiores estigmas sociais precisam adquirir maiores estratégias de adaptação em seu cotidiano em comparação à pessoas não-estigmatizadas, pois seu sofrimento e fatores estressores são os relacionados à todas as pessoas somado aos relacionados ao grupo minoritário ao qual esse indivíduo faz parte (PAVELTCHUK; BORSA, 2020). No caso das mulheres lésbicas, por exemplo, seu sofrimento psíquico se relaciona às questões referentes às experiências humanas em geral, somada aos aspectos de discriminação de gênero e de sexualidade. E de mulheres negras e lésbicas às questões referentes ao ser humano em geral, somadas aos aspectos de discriminação de gênero, de sexualidade e ao racismo, e assim por diante.

Pessoas dissidentes de gênero e/ou sexualidade podem passar por situações de LGBTTfobia sofrida e de LGBTTfobia internalizada. A primeira relaciona-se com a discriminação que essas pessoas sofrem socialmente pelas pessoas à sua volta e a segunda às ideias aversivas e estigmatizadas dessas pessoas sobre sua próxima sexualidade e seu ser. Além disso, muitas vezes as pessoas LGB podem fazer uma ocultação da sua orientação sexual tanto para si quanto para os outros, e esse fator também é produtor de estresse e sofrimento psíquico nessa população (PAVELTCHUK; BORSA, 2020).

A ideia de fatores de risco para a vulnerabilidade social, tais quais raça, gênero, sexualidade e aspectos socioeconômicos, têm entrado em discussão pois traz uma ideia de culpabilização dos sujeitos pela sua própria vulnerabilidade social e processos de saúde-doença

(GOMES, 2021). Ou seja, mulheres lésbicas não necessariamente sofrem por serem lésbicas, e sim porque vivemos em uma sociedade lesbofóbica, violenta e estigmatizada sobre esses corpos.

As mulheres transexuais e travestis são as maiores vítimas de violência em decorrência da homofobia e são vítimas das violências de maior brutalidade e gravidade que diz respeito à integridade física e morte. Entretanto, como estas carregam suas características no corpo, essas mulheres possuem um cotidiano com diversas e múltiplas experiências violentas, que não precisam ser somente da natureza da violência física. Essas experiências podem ocorrer nos mais variados espaços e instituições que elas frequentam, como em suas famílias, em delegacias, em serviços de saúde e contextos educacionais (DE SOUZA et al., 2015). Pensando nesses aspectos, as mulheres travestis e transexuais possuem menor expectativa de vida em relação à média da população brasileira (35 anos contra quase 76 anos) e também 90% dessa população se encontra em situação de prostituição (ALVES, 2021).

6.4 O sofrimento psíquico e a rede de atenção à saúde mental da mulher

“Quando se analisa a temática relacionada às mulheres com transtornos mentais, dois grandes grupos sociais estão em cena: as mulheres e os doentes mentais, ambos marcados por exclusão, por preconceitos, por estigmas e por lutas pelos direitos de cidadania e transformação social” (GAZABIM SIMÕES BALLARIN, p. 513, et al., 2008)

O adoecimento e sofrimento psíquico causa uma ruptura na vida cotidiana dos sujeitos, da pessoa em si e das pessoas à sua volta. Essas rupturas podem se expressar nas relações familiares, sociais e do trabalho, na realização de suas atividades de vida diária, de lazer, de trabalho e em todas as pluralidades que compõem a vida humana cotidiana (LEÃO; SALLES, 2016).

Segundo dados da OMS (2001), as mulheres são mais suscetíveis a experienciar o sofrimento psíquico em seus cotidianos devido a maneira que a sociedade é organizada, pensando nos aspectos discutidos anteriormente, referente à sobrecarga devido às suas responsabilidades de esposas, mães, cuidadoras, educadoras, donas de casa e mão de obra laboral (OMS, 2001 apud. SILVA et al., 2013).

Uma revisão integrativa publicada em 2013 que investigou o que a literatura científica brasileira publicava acerca do sofrimento psíquico de mulheres no período de 2006 a 2011. Essa busca contou com onze artigos para análise. As temáticas dos estudos encontrados que envolviam o sofrimento psíquico de mulheres foram de natureza: relações conjugais,

maternidade (referente a infertilidade), dupla jornada de trabalho, a autoimagem da mulher e as representações sociais do corpo fora do “padrão” e aspectos relacionados ao adoecimento decorrente da infecção por HIV/AIDS e sobre os impactos referentes ao envelhecimento (SILVA et al., 2013). Apesar de ter tido um aumento de quase seis vezes na quantidade de publicações, muitas questões se mantiveram iguais ou semelhantes mesmo após 10 anos de coletas de dados sobre esse tema, como a questão familiar, laboral e referente ao adoecimento. Isso significa que ainda se mostra necessário a promoção de saúde das mulheres que vão além da saúde reprodutiva e associadas ao adoecimento, tendo em vista que o cotidiano da mulher ainda é marcado pelos tensionamentos que envolve seu trabalho, seu contexto familiar e as situações de privação e violência que elas estão sujeitas a experienciar (SÁ et al., 2015)

Somente oito artigos (14%) encontrados tiveram como foco o relato sobre a experiência de intervenção voltada para promoção da saúde mental da mulher. A maioria deles tiveram como foco o cuidado à mulher em situação de sofrimento decorrente dos efeitos causados a partir de alguma patologia, como fibromialgia (BARBOZA, SOUZA, BITTAR, 2016; OLIVEIRA et al., 2019), endometriose (DONATTI et al., 2017), câncer (BERNARDI et al., 2013) e HIV (SILVA, FERRAZ, 2010). É notório que o adoecimento causa sofrimento, porém as mulheres possuem demandas de saúde mental que são referentes às situações de vulnerabilidade referentes ao cotidiano em que elas estão inseridas.

Tedesco e Liberman (2008) contextualizam a construção do conceito de vulnerabilidade com base nos sujeitos, em seus repertórios e ferramentas para lidar com momentos e situações de crise, sejam eles desencadeador em âmbito individual e coletivo. As autoras convidam-nos a pensar a vulnerabilidade não apenas como risco e ruptura, mas também como **potencialidade de transformação e criação da vida** (TEDESCO, LIBERMAN, 2008 apud. SÁ et al., 2015, pp. 96)

Pode-se observar também o papel das intervenções em grupo na promoção da saúde mental das mulheres, pois intervenções grupais foram a maioria dentre os estudos encontrados sobre intervenção. Segundo Sá et al. (2015), os grupos são estratégias de resistência para as mulheres que têm seus corpos marcados pela falta de autonomia, estigmas de descontrole emocional e histeria, pensando no apoio mútuo, nas interações, na comunicação, no fortalecimento e na sustentação.

Há uma impossibilidade em generalizar as diferentes respostas que as mulheres constroem, as diferentes demandas, expectativas, desejos, necessidades ao longo de sua existência (...), toda uma gama de problematizações que emergem quando mulheres conversam e de fato podem ter uma escuta significativa (LIBERMAN, p. 7, 2009)

Gazabim Simões Ballarin et al, em estudo publicado em 2008, já evidenciavam inúmeros avanços específicos em relação às políticas públicas dirigidas à saúde da mulher,

assim como avanços em relação à saúde mental como políticas paralelas. Embora desde 2016, o Brasil esteja vivenciando um retrocesso dessas políticas públicas, para citar por exemplo, os retrocessos na Rede Cegonha, Rede de Atenção Psicossocial, Política Nacional de Humanização e na Política Nacional da Atenção Básica, os avanços conquistados nacionalmente nos anos anteriores continuam tentando perseverar nas esferas Estaduais e municipais.

Para Gazabim Simões Ballarin et al (2008), até a primeira década dos anos 2000, as políticas de saúde da mulher passaram gradualmente a incorporar um enfoque progressista de gênero, com ênfase na humanização, na atenção em rede, na promoção e na integralidade da saúde. Na política de saúde mental, priorizou-se a constituição de uma rede comunitária de cuidados, em articulação com a rede básica, com equipamentos alternativos ao hospital psiquiátrico a partir da implementação do modelo de atenção psicossocial. “No entanto, mesmo com a constatação desses avanços, evidenciou-se a existência de inúmeros desafios que devem ainda ser superados, especialmente quando se aborda a interface entre a saúde da mulher e a saúde mental, exigindo, portanto, uma reflexão detalhada de aspectos técnicos, científicos, éticos e ideológicos” (Gazabim Simões Ballarin et al, p. 511, 2008), tanto para a efetiva atenção à produção de subjetividade do campo das políticas de saúde da mulher, quanto para a assistência da saúde da mulher com transtornos mentais.

Quando realizamos uma análise geral das categorias supracitadas, identificam-se potências em relação aos trabalhos estudados, especialmente no que se refere ao olhar para a saúde mental de pessoas acometidas por problemas de saúde em geral, assim como em relação às pesquisas que enfocam na saúde mental de mulheres trabalhadoras de áreas específicas, por exemplo.

Em relação à saúde mental materna e as relações entre saúde mental da mulher e ambiente doméstico, identificamos uma lacuna sobre o papel da dupla jornada de trabalho, assim como da violência obstétrica e doméstica como determinantes para a produção de sofrimento psíquico, temas amplamente discutidos em outras esferas, além da acadêmica.

No que se refere à interface saúde mental e gênero, evidenciou-se uma ausência importante de estudos que analisem o papel das políticas públicas nesta fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse presente trabalho teve como motivação mapear as produções brasileiras acerca da temática de sofrimento psíquico e gênero, identificar os principais temas que compõem essa temática e analisar os estudos acerca do sofrimento psíquico da mulher. Foram analisados um total de 59 artigos publicados na base de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e suas bases indexadas, em português, no período de 2010 a 2020, critérios estabelecidos na metodologia da pesquisa.

Foi possível concluir que, em grande parte, os fatores que causam sofrimento psíquico na mulher segundo a literatura brasileira, relacionam-se com seu cotidiano familiar e de trabalho e aos determinantes sociais da diferença combinados ao gênero, sendo eles: raça, etnia, classe social, sexualidade e identidade de gênero, aspectos que colocam as mulheres em uma posição ainda maior de vulnerabilidade e fragilidade perante a sociedade.

Outro ponto a ser levado em consideração nesta pesquisa relaciona-se com uma maioria de publicações que discutem os fatores de sofrimento em detrimento dos processos de cuidado. Isto pode ser considerado um grande desafio para o campo da saúde, tendo em vista que o processo de saúde-doença ainda é mais presente socialmente e academicamente do que o conceito de promoção de saúde. A “cura” pode se tornar um caminho distante e difícil a ser alcançado nos serviços de saúde e publicado nos periódicos de saúde tendo em vista que a causa desse adoecimento é sócio-cultural.

Entretanto, sobre o que tange às pesquisas na área da saúde, os textos apontam que torna-se necessário a execu(a)ção do modelo de atenção à saúde mental das mulheres com o enfoque de gênero, proposto pelo Ministério da Saúde (2004), que defenda uma atenção integral à saúde da mulher. Aspectos como ações territoriais em áreas de maior vulnerabilidade social, rastreamento de riscos, acolhimento e orientação às mulheres vítimas de violência, saúde da população LGBTTT, escuta sensível, humanização do cuidado e acionamento de outros equipamentos da RAS, se necessário.

Para futuros trabalhos, pode-se levantar algumas discussões a partir das conclusões desta pesquisa. Fatores como: o porquê dos trabalhos que debatem saúde mental e gênero ainda se referirem, em grande maioria, à realidade das mulheres da região sudeste; sobre a maioria dos estudos que envolvem essa temática terem como nível de atenção predominante o setor terciário (hospitalar) e a importância de uma maior produção de estudos que envolvem ações em saúde mental da mulher publicados na BVS, por esta ser uma plataforma relevante na área da saúde e no debate de diversos temas relacionados à saúde.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e cultura**, v. 58, p. 40–41, 2006.
- ALVES, Juliana. **Expectativa de vida de trans no Brasil se equipara com Idade Média, diz advogada**. 2021. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/expectativa-de-vida-de-trans-no-brasil-se-equipara-com-idade-media-diz-advogada/#:~:text=No dia do orgulho LGBTQIA%2B,a números da Idade Média](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/expectativa-de-vida-de-trans-no-brasil-se-equipara-com-idade-media-diz-advogada/#:~:text=No dia do orgulho LGBTQIA%2B,a números da Idade Média. Acesso em: 10 nov. 2021). Acesso em: 10 nov. 2021.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. DIFERENÇA E IGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO: REVISITANDO O DEBATE. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 41–52, 2005.
- ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: Towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 1, p. 19–32, 2005.
- BARROS, Alerrandre. **Homens ganharam quase 30% a mais que as mulheres em 2019**. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-2019>. Acesso em: 30 out. 2021.
- BASAGLIA, Franco. **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico**. Graal ed. Rio de Janeiro.
- BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. DESPATOLOGIZAÇÃO DO GÊNERO: A POLITIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ABJETAS. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 569–581, 2012.
- BEZERRA, Cláudia de Magalhães; MINAYO, Maria Cecília de Souza; CONSTANTINO, Patrícia. Estresse ocupacional em mulheres policiais. **Ciênc. Saúde Colet**, v. 18, n. 3, p. 657–666, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000800011.
- BORGES, Tábata Milena Balestro; DETONI, Priscila Pavan. Trajetórias de feminização no trabalho hospitalar. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 20, n. 2, p. 143–157, 2017. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v20i2p143-157.
- BRANDÃO, Patrícia Danielly de Aguiar. **Familiar cuidador da mulher com câncer**. 2016. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.
- BUSS, Paulo Marchiori; FILHO, Alberto Pellegrini. A Saúde e seus Determinantes Sociais. v.

17, n. 1, p. 77–93, 2006.

BUTLER, Judith. **El género en disputa: feminismo y la subversión de identidad**. Barcelona.

CALEGARI, Luiza. **Mulheres trabalham 72% a mais do que homens em tarefas domésticas**. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/mulheres-trabalham-73-a-mais-do-que-homens-em-tarefas-domesticas/>. Acesso em: 9 nov. 2021.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. O tecnoestresse em trabalhadores que atuam com tecnologia de informação e comunicação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 308–317, 2010. DOI: 10.1590/s1414-98932010000200007.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE SOUZA, Martha Helena Teixeira; MALVASI, Paulo; SIGNORELLI, Marcos Claudio; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saude Publica**, v. 31, n. 4, p. 767–776, 2015. DOI: 10.1590/0102-311X00077514.

DENTRO de Cada Um Elza Soares. Intérprete: Elza Soares. Compositor: Luciano Mello, Pedro Loureiro. In: DEUS é Mulher. Intérprete: Elza Soares. Rio de Janeiro: Red Bull e Tambor, 2018.

DEPOLE, BÁRBARA DE FÁTIMA. **A PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE O PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR: REVISÃO DE ESCOPO**. 2018. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2018.

ESTAY, José Tomás Carvajal; LATORRE, María de los Angeles Guajardo; ROJAS, Andrea Fernanda Morales. **La Complicidad Que Reproduce La Invisibilización Del Ser Mujer Loca. Hacia Terapias Ocupacionales Feministas Decoloniales**. 2017. Universidad Andrés Bello, 2017. DOI: 10.1017/CBO9781107415324.004.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismo em duelo. **Cadernos Pagu**, v. 17, n. 18, p. 9–79, 2001.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGUEIREDO, Mirela de Oliveira; ZAMBULIM, Mariana Cristina; EMMEL, Maria Luisa Guillaumon; FORNERETO, Alana de Paiva Nogueira; LOURENÇO, Gerusa Ferreira; JOAQUIM, Regina Helena Vitale Torkomian; BARBA, Patricia Della. Terapia ocupacional: Uma profissão relacionada ao feminino. **Historia, Ciencias, Saude - Manguinhos**, v. 25, n. 1, p. 115–126, 2018. DOI: 10.1590/s0104-59702018000100007.

GAZABIM SIMÕES BALLARIN, M. L.; FERIGATO, S. H.; DE CARVALHO, F. B. Serviços de atenção à saúde mental: reflexões sobre os desafios da atenção integral à saúde da mulher: DOI: 10.15343/0104-7809.200832.4.13. **O Mundo da Saúde**, v. 32, n. 4, p. 511-518, 1 out. 2008.

GOMES, Margareth Cristina de Almeida. Distinção e visibilidade: Reflexões sobre saúde das mulheres lésbicas em publicações do Ministério da Saúde. **CINABEH**, p. 1–10, 2021.

GONZALES, Lélia. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–243, 1984.

HERNANDES, Elizabeth Sousa Cagliari; VIEIRA, Luciana. **A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19**. 2020. Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>. Acesso em: 10 nov. 2021.

IBGE. **Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos**. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acesso em: 17 nov. 2020.

LAGARDE, M. **Los cautiverios de las mujeres: madreposas, monjas, putas, presas y locas**. [s.l: s.n.].

LEÃO, Adriana; SALLES, Mariana Moraes. Cotidiano, reabilitação psicossocial e território: Reflexões no campo da Terapia Ocupacional. In: MATSUKURA, Thelma Simões; SALLES, Mariana Moraes (org.). **Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação. Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental**. 1. ed. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 61–76.

LIBERMAN, F. **Cartografias femininas: A constituição de um grupo de mulheres na Zona Noroeste- Santos**. Santos-SP.

MATHIAS, Caroline Vieira; GIRARDON-PERLINI, Nara Marilene Oliveira; MISTURA, Claudelí; JACOBI, Caren Da Silva; STAMM, Bruna. O adoecimento de adultos por câncer e a repercussão na família: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde - USCS**, v. 13, n. 45, p. 80–86, 2015. DOI: 10.13037/ras.vol13n45.2818.

MICHEL FOUCAULT. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Ed. Graal ed. Rio de Janeiro.

MILNER, Allison; KING, Tania; LAMONTAGNE, Anthony D.; BENTLEY, Rebecca; KAVANAGH, Anne. Men's work, Women's work, and mental health: A longitudinal investigation of the relationship between the gender composition of occupations and mental health. **Social Science and Medicine**, v. 204, n. December 2017, p. 16–22, 2018. DOI: 10.1016/j.socscimed.2018.03.020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.03.020>.

PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou Navio Negroiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Argumentum**, v. 10, n. 3, p. 10–23, 2018.

PAVELTCHUK, Fernanda De Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista da SPAGESP**, v. 21, n. 2, p. 41–54, 2020.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SÁ, Yara De; LIBERMAN, Flávia; MAXIMINO, Viviane; GARCIA, Maurício Lourenção. Cartografias femininas: Grupo de mulheres pelo olhar dos estudantes. *In*: MAXIMINO, Viviane; LIBERMAN, Flavia (org.). **Grupos e Terapia Ocupacional: Formação, pesquisa e ações**. 1. ed. São Paulo: Summus editorial, 2015. p. 296.

SÁNCHEZ, M^a Isabel Vidal; FRAGO, Elena Lopéz; LÓPEZ, Nora Royo. Visibilizando los cuidados desde una perspectiva feminista en Terapia Ocupacional. **TOG (A Coruña)**, v. 15, n. May, p. 185–190, 2018.

SAÚDE, Ministério Da. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: plano de ação 2004-2007**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SILVA, Amanda Aparecida; ROTENBERG, Lúcia; FISCHER, Frida Marina. Jornadas de trabalho na enfermagem: entre necessidades individuais e condições de trabalho. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 6, p. 1117–1126, 2011. DOI: 10.1590/s0034-89102011000600014.

SILVA, Cynara Rodrigues Soares Da; MATOS, Fabrícia Vieira De; SILVEIRA, Rosângela Aparecida; BARBOSA, Isabelle Arruda. Sofrimento psíquico em mulheres brasileiras: uma revisão integrativa. **EFDeportes.com**, v. 1, n. 184, 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd184/sofrimento-psiquico-em-mulheres-brasileiras.htm>.

SILVA, Marinete dos Santos; VELLOSO, Mariana Marujo. Divisão sexual do trabalho: nó górdio da dominação masculina? **Diferencia(s). Revista de teoria social contemporânea**, n. 11, p. 161–170, 2019. DOI: 10.7476/9788523013400.0004.16.

SILVA, Thaiga Danielle Momberg; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Mulheres e loucura: a (des)institucionalização e as (re)invenções do feminino na saúde mental. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 13, n. 1, p. 42–52, 2019. DOI: 10.34019/1982-1247.2019.v13.23799.

SOMBINI, Ana Luisa Moraes; GONSALES, Bruno Rodrigues; PRADO, Carla Cristina Pianca; PEDROZA, Cecília Peixoto Gomes; BARROS, Iara Rocha; FERIGATO, Sabrina Helena. AUTOGESTÃO , ARTE E ACOLHIMENTO COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO PARA ESTUDANTES DISSIDENTES EM GÊNERO E/OU SEXUALIDADE. **Cadernos da Pedagogia**, v. 15, n. 31, p. 139–149, 2021.

TESTA, Daniela E.; SPAMPINATO, Sandra B. Género, salud mental y terapia ocupacional: algunas reflexiones sobre la influencia de la historia de las mujeres y la perspectiva de género en nuestras prácticas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 174–181, 2010.

TRAVIA, Raphael Henrique; NITSCHKE, Angela Morel. Entre lírios e delírios: igualdade de gênero em saúde mental. **Caderno de publicações acadêmicas**, p. 6–13, 2007.

VALENZUELA, Débora Grandón. Género, cotidianidad y terapias ocupacionales. **Revista de Estudiantes de Terapia Ocupacional**, v. 6, n. 1, p. 1–12, 2019.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244, 2019. DOI: 10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000.

VIEIRA, Isabela. **Pesquisa mostra que raça é fator predominante na escolha de parceiros conjugais**. 2012. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/2012/10/pesquisa-mostra-que-raca-e-fator-predominante-na-escolha-de-parceiros-conjugais>. Acesso em: 10 nov. 2021.

APÊNDICES

ANTONINI, Marcela; COSTA, Christefany; PONTES, Priscila; CARDOSO, Lucilene; GIR, Elucir; REIS, Renata. Sintomas físicos e psicológicos do estresse em pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v. 22, p. 19–26, 2019.

ANTÔNIO, Jhonatan Zimmermann; SILVA, Andreia Da; COSTA, Patrícia Pereira Bucco Da; JUNG, Daysi; PEREIRA, Caroline Funchal; NUNES, Erica Feio Carneiro; LATORRE, Gustavo Fernando Sutter. Função sexual feminina, desgaste emocional por insatisfação sexual e inteligência emocional. **Fisioterapia Brasil**, v. 17, n. 6, p. 544–550, 2016.

BARBOSA, R.; LABROCINI, L.; SARQUIS, L.; MANTOVANI, M. Violência psicológica na prática profissional da enfermeira. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 1, p. 26–32, 2011.

BARBOZA, Marcelo Alves; SOUZA, Pauliana Carolina De; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Relatos de mulheres fibromiálgicas: grupo como estratégia para a promoção da saúde. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 131–141, 2016.

BECKER, Roze Mary Ribas; SILVA, Vanessa Kappel Da; MACHADO, Fernanda da Silva; SANTOS, Adriana Freitag Dos; MEIRELES, Daiane Cristine; MERGENER, Michelle; SANTOS, Geraldine Alves Dos; ANDRADE, Fabiana Michelsen De. Interação entre qualidade do meio ambiente, estresse e a variação do gene APOE na determinação da suscetibilidade à fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 50, n. 6, p. 617–624, 2010. DOI: 10.1590/s0482-50042010000600003.

BENETTI, Ângela Slongo; EMERICH, Bruno Ferrari; RICCI, Ellen Cristina; CAMPOS, Rosana Onocko. Existência e resistência dos corpos loucos: o corpo em processo e a reforma psiquiátrica brasileira. **Saude e Sociedade**, v. 29, n. 4, p. 1–9, 2020. DOI: 10.1590/s0104-12902020190777.

BERNARDI, Marina Lima Daleprane; AMORIM, Maria Helena Costa; ZANDONADE, Eliana; SANTAELLA, Danilo Forghieri; BARBOSA, Juliana de Assis Novais. Efeitos da intervenção Hatha-Yoga nos níveis de estresse e ansiedade em mulheres mastectomizadas TT - The effects of hatha yoga exercises on stress and anxiety levels in mastectomized women. **Ciênc. Saúde Colet**, v. 18, n. 12, p. 3621–3632, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013002000018.

BEZERRA, Claudia de Magalhães; MINAYO, Maria Cecília de Souza; CONSTANTINO, Patrícia. Estresse ocupacional em mulheres policiais. **Ciênc. Saúde Colet**, v. 18, n. 3, p. 657–666, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000800011.

BRILHANTE, ALINE VERAS MORAIS; OLIVEIRA, LUIZ ADRIANO FREITAS; LOURINHO, LIDIA ANDRADE; MANSO, ALMUDENA GARCIA. Narrativas autobiográficas de mulheres com endometriose: que fenômenos permeiam os atrasos no

diagnóstico? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, n. 3, p. 1–18, 2019. DOI: 10.1590/s0103-73312019290307.

BULHÕES, Camilla de Sena Guerra; SILVA, Jeferson Barbosa; MORAES, Marina Nascimento De; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; DIAS, Maria Djair; ALMEIDA, Ana Maria. Repercussões psíquicas em mães de crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 2, p. 1–8, 2020. DOI: 10.1590/2177-9465-ean-2019-0230.

CAPARROL, Ana Julia de Souza; CASEMIRO, Francine Golghetto; CORRÊA, Larissa; MONTEIRO, Diana Quirino; SANCHEZ, Marilia Graciela Almeida Prado; SANTOS, Laís Rita Bortoletto; GRATÃO, Aline Cristina Martins. Intervenção cognitiva domiciliar para cuidadores de idosos com Alzheimer. **Rev enferm UFPE on line**, v. 12, n. 10, p. 2659–2666, 2018.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. O tecnoestresse em trabalhadores que atuam com tecnologia de informação e comunicação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 308–317, 2010. DOI: 10.1590/s1414-98932010000200007.

CAVALCANTE, Ana Célia; SILVA, Raimunda Magalhães. Experiências psíquicas de mulheres frequentadoras da rede pública de saúde em Teresina (PI, Brasil). **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 16, n. 4, p. 2211–2220, 2011. DOI: 10.1590/S1413-81232011000400020.

CONSTANTINO, Patricia; DE ASSIS, Simone Gonçalves; PINTO, Liana Wernersbach. O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 21, n. 7, p. 2089–2100, 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015217.01222016.

COSTA, Angelo Brandelli; PAVELTCHUK, Fernanda; LAWRENZ, Priscila; VILANOVA, Felipe; BORSA, Juliane Callegaro; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo; HABIGZANG, Luisa Fernanda; NARDI, Henrique Caetano; DUNN, Trevor. Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Psico-USF**, v. 25, n. 2, p. 207–222, 2020. DOI: 10.1590/1413-82712020250201.

DE ARRUDA, Cristiani Nobre; BRAIDE, Andrea Stopglia Guedes; NATIONS, Marilyn. “Carne crua e torrada”: A experiência do sofrimento de ser queimada em mulheres nordestinas, Brasil. **Cadernos de Saude Publica**, v. 30, n. 10, p. 2057–2067, 2014. DOI: 10.1590/0102-311X00175713.

DE SOUZA, Martha Helena Teixeira; MALVASI, Paulo; SIGNORELLI, Marcos Claudio; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saude Publica**, v. 31, n. 4, p. 767–776, 2015. DOI: 10.1590/0102-311X00077514.

DINIZ, Maria Angélica Andreotti; MELO, Beatriz Rodrigues de Souza; NERI, Karolina Helena; CASEMIRO, Francine Golghetto; FIGUEIREDO, Leandro Correa; GAIOLI, Cheila Cristina Leonardo de Oliveira; GRATÃO, Aline Cristina Martins. Estudo comparativo entre cuidadores formais e informais de idosos. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 23, n. 11, p. 3789–3798, 2018. DOI: 10.1590/1413-812320182311.16932016.

DONATTI, Lilian; RAMOS, Denise Gimenez; ANDRES, Marina de Paula; PASSMAN, Leigh Jonathan; PODGAEC, Sérgio. Pacientes com endometriose que utilizam estratégias positivas de enfrentamento apresentam menos depressão, estresse e dor pélvica. **Einstein (Sao Paulo, Brazil)**, v. 15, n. 1, p. 65–70, 2017. DOI: 10.1590/S1679-45082017AO3911.

FERNANDES, Maira Julyê Mota; CARVALHO, Gabriela Borges; FERREIRA, Cintia Braghetto. Repercussões do diagnóstico de câncer para homens e mulheres: um estudo comparativo. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 2, p. 68–83, 2019.

FURTADO, Francisca Marina de Souza Freire; SALDANHA, Ana Alayde Werba; MOLEIRO, Carla Marina Madureira de Matos; SILVA, Josevânia Da. Transtornos mentais comuns em mulheres de cidades rurais: Prevalência e variáveis correlatas. **Saúde e Pesquisa**, v. 12, n. 1, p. 129, 2019. DOI: 10.17765/2176-9206.2019v12n1p129-140.

GONÇALVES, Angela Maria Corrêa; TEIXEIRA, Maria Teresa Bustamante; GAMA, Jairo Roberto de Almeida; LOPES, Claudia Souza; E SILVA, Gulnar Azevedo; GAMARRA, Carmen Justina; DUQUE, Kristiane de Castro Dias; MACHADO, Maria Lucia Salim Miranda. Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, n. 2, p. 101–109, 2018. DOI: 10.1590/0047-2085000000192.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Estresse de homens e mulheres que buscam tratamento para infertilidade. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetricia**, v. 35, n. 6, p. 255–261, 2013. DOI: 10.1590/S0100-72032013000600004.

GUERREIRO, Monique Pereira Portella; SIQUEIRA, Fernanda Duarte; DEZORDI, Catia Cristiane Matte; KIRCHNER, Rosane Maria; DALMOLIN, Grazielle De Lima; STUMM, Eniva Miladi Fernandes. Estresse percebido em familiares de pacientes em sala de espera de um centro cirúrgico. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 4, p. 22–27, 2020. DOI: 10.21675/2357-707x.2019.v10.n4.2148.

GUIMARÃES, Willian; PAULON, Simone Mainieri; NARDI, Henrique Caetano. Expressões da sexualidade e de gênero na injunção crime-loucura: engendramentos moralizantes no tratamento do paciente judiciário. **Cadernos de Saude Publica**, v. 34, n. 8, p. 1–11, 2018. DOI: 10.1590/0102-311x00180317.

HOMANN, Diogo; MARA, Joice; STEFANELLO, Facco; GÓES, Suelen Meira; BREDA, Chris Andreissy; PAIVA, Santos; LEITE, Neiva. Percepção de estresse e sintomas depressivos: funcionalidade e impacto na qualidade de vida em mulheres com fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 92, n. 3, p. 324–330, 2012.

KANTORSKI, Luciane Prado; MACHADO, Roberta Antunes; SANTOS, Cátia Gentile Dos; COUTO, Maria Laura de Oliveira; RAMOS, Camila Irigonhé. Análise de gênero dos conteúdos das vozes que os outros não ouvem. **Psicol. Estud. (Online)**, v. 25, p. 1–13, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

73722020000100234.

LAMEU, Joelma do Nascimento; SALAZAR, Thiene Lívio; SOUZA, Wanderson Fernandes De. Prevalencia de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. **Revista Psicologia da Educação**, v. 42, p. 13–22, 2015. DOI: 10.5935/2175-3520.20150021.

LIMA, Bruna Celia da Silva; RIBEIRO, Magna Maria Alves; MARTINS, Elizabeth Rose Costa; RAMOS, Raquel Conceição de Almeida; FRANCISCO, Marcio Tadeu Ribeiro; LIMA, Dalmo Valério Machado De. Sentimentos de gestantes de risco durante a fase de indução: estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 15, n. 2, p. 254–264, 2016. DOI: 10.17665/1676-4285.20165484.

LIMA, Manuella Rodrigues de Almeida; SOUZA, Marta Rovey De; NUNES, Fernanda Costa. Repercussões dos determinantes sociais na saúde mental das migrantes haitianas em Goiás. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 3, p. 53–70, 2020. DOI: 10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº03artigo75.

MELO, Lucas Pereira De. Sofrimentos que “adoçam” o sangue: diabetes, gênero e o trabalho do tempo. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 2, p. 24–36, 2019.

MENEZES, Karla Luna De; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação. **Revista Mal-estar E Subjetividade**, v. 11, n. 3, p. 983–1010, 2011. DOI: 10.5020/23590777.11.3.933-960.

MORAIS, Maria de Lima Salum; SEGRI, Neuber José. Prevalência de transtornos mentais comuns auto-referidos e sua relação com os serviços de saúde em municípios da Baixada Santista - SP. **BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.)**, v. 13, n. 2, p. 141–146, 2011.

MUNIZ, Mariana Fernandes; MUNIZ, Francisco Wilker Mustafa Gomes; RODRIGUES, Lidiany Karla Azevedo; OLIVEIRA, Marcelo Bruno Lemos; BARROS, Isadora Daniel; CARVALHO, Rosimary Sousa. Fontes de estresse, bem-estar psicológico e saúde entre estudantes de Odontologia: uma comparação entre fases pré-clínica e clínica e entre os sexos. **Revista da ABENO**, v. 19, n. 3, p. 2–12, 2019. DOI: 10.30979/rev.abeno.v19i3.830.

OLIVEIRA, Julianna Pereira Ramos; BERARDINELLI, Lina Marcia Migueis; CAVALIERE, Maria Lucia Alves; ROSA, Regina Celi Alves; COSTA, Luciene Pires Da; BARBOSA, José Silvio de Oliveira. O cotidiano de mulheres com fibromialgia e o desafio interdisciplinar de empoderamento para o autocuidado. **Revista gaucha de enfermagem**, v. 40, p. 1–9, 2019. DOI: 10.1590/1983-1447.2019.20180411.

OLIVEIRA, Luis Adriano Freitas; BRILHANTE, Aline Veras Moraes; LOURINHO, Lidia Andrade. Relação entre ocorrência de endometriose e sofrimento psíquico. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 4, p. 1–6, 2018. DOI: 10.5020/18061230.2018.8755.

PAVELTCHUK, Fernanda De Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista da SPAGESP**, v. 21, n. 2, p. 41–54, 2020.

PEREIRA, Aliny Cristini; BRADBURY, Fernanda; ROSSETTI, Estefani Serafim;

HORTENSE, Priscilla. Avaliação da dor e fatores associados em pessoas que vivem com HIV/AIDS. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 27, p. 1–10, 2019. DOI: 10.1590/1518-8345.2803.3155.

PEREIRA, Marina Uchoa Lopes; GONÇALVES, Laura Lamas Martins; LOYOLA, Cristina Maria Douat; ANUNCIACÃO, Patrícia Sampaio Da; DIAS, Rosane da Silva; REIS, Irla Nunes; PEREIRA, Lays Amorim Silva; LAMY, Zeni Carvalho. Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. **Rev. Paul. Pediatr. (Ed. Port., Online)**, v. 36, n. 4, p. 422–427, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822018000400422.

PEREIRA, Priscilla Faria; CARVALHO, Talita Martins; SOARES, Glauce Cristine Ferreira; GUALDA, Dulce Maria Rosa. Rastreamento de sintomas depressivos e ansiosos em mulheres no pós-parto: estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 14, n. 3, p. 294, 2015. DOI: 10.17665/1676-4285.20155124.

PETRY, Analídia Rodolpho. Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. **Rev Gaucha Enferm**, v. 36, n. 2, p. 70–75, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S1983-14472015000200070.

PIMENTEL, Déborah; SALES, Neuza Josina; VIEIRA, Maria Jésia. Perfil e Saúde Mental dos Fonoaudiólogos de uma Capital do Nordeste, Brasil. **Distúrbios da Comunicação**, v. 28, n. 1, p. 114–129, 2016.

RAFAEL, Plínio; MONTEIRO, Reis; GARCIA, Fernando Coutinho. Mulheres nas equipes de enfermagem: identificação organizacional e vivências de prazer e sofrimento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 5, p. 1–10, 2013.

RAMIRO, Fernanda de Souza; JÚNIOR, Império Lombardi; SILVA, Regina Claudia Barbosa Da; MONTESANO, Fábio Tadeu; OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz De; DINIZ, Ricardo Edésio Amorim Santos; ALAMBERT, Paulo Augusto; PADOVANI, Ricardo da Costa. Investigação do estresse, ansiedade e depressão em mulheres com fibromialgia: Um estudo comparativo. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 54, n. 1, p. 27–32, 2014. DOI: 10.1016/j.rbr.2013.04.006.

REINERT, Ana Paula Rezzo Pires; RÊGO, Rafisa Moscoso Lobato; PIRES, Rômulo Cesar Rezzo; SILVA, Vanalda Costa. Transtornos somatoformes (manifestações históricas) em mulheres atendidas em hospital psiquiátrico de São Luís, Maranhão. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 93–101, 2016. DOI: 10.24879/201600100020064.

ROBAINA, Jaqueline Rodrigues; LOPES, Claudia S.; ROTENBERG, Lúcia; FAERSTEIN, Eduardo. Fatores psicossociais e socioeconômicos relacionados à insônia e menopausa: Estudo Pró-Saúde. **Cad Saude Publica**, v. 31, n. 3, p. 597–606, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300597.

ROCHA, Luiz Junior; DA CONCEIÇÃO JUSTE WERNECK CORTES, Maria; DIAS, Elizabeth Costa; DE MEIRA FERNANDES, Filipa; GONTIJO, Eliane Dias. Esgotamento profissional e satisfação no trabalho em trabalhadores do setor de emergência e terapia intensiva em hospital público. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 17, n. 3, p. 300–312, 2019. DOI: 10.5327/Z1679443520190404.

SANTOS, Vanessa Travassos; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Mães que cuidam de crianças dependentes de tecnologia em atendimento domiciliar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 4, p. 1–19, 2020.

SILVA, Amanda Aparecida; ROTENBERG, Lúcia; FISCHER, Frida Marina. Jornadas de trabalho na enfermagem: entre necessidades individuais e condições de trabalho. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 6, p. 1117–1126, 2011. DOI: 10.1590/s0034-89102011000600014.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa Da; FERRAZ, Carlos. O grupo como produtor de singularidades: o processo subjetivo como forjador de singularidades frente às pessoas que vivem com as DSTs. **Revista Mal-estar E Subjetividade**, v. 10, n. 4, p. 1355–1364, 2010. DOI: 10.5020/23590777.10.4.1355-1364.

SOARES, Míbsam Lysia Carvalho Alves; TREZZA, Maria Cristina Soares Figueiredo; OLIVEIRA, Silvana Maria Barros De; MELO, Géssyca Cavalcante De; LIMA, Kely Regina da Silva; LEITE, Josete Luzia. O custo da cura: vivências de conforto e desconforto de mulheres submetidas à braquiterapia. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 317–323, 2016. DOI: 10.5935/1414-8145.20160043.

SOBRINHO, Andressa Crystine da Silva; ALMEIDA, Mariana Luciano De; RODRIGUES, Guilherme da Silva; JÚNIOR, Carlos Roberto Bueno. Associação de dor crônica com força, níveis de estresse, sono e qualidade de vida em mulheres acima de 50 anos. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 170–177, 2019. DOI: 10.1590/1809-2950/18033226022019.

STORTI, Luana Baldin; QUINTINO, Débora Teles; SILVA, Natália Michelato; KUSUMOTA, Luciana; MARQUES, Sueli. Sintomas neuropsiquiátricos do idoso com doença de Alzheimer e o desgaste do cuidador familiar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. 1–8, 2016. DOI: 10.1590/1518-8345.0580.2751.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 1–13, 2019.

VIEIRA, Lidiani Nunes; SCHERMANN, Lígia Braun. Estresse e fatores associados em alunos de psicologia de uma universidade particular do sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 11, p. 3869–3880, 2018. DOI: 10.1590/1413-812320182311.28682015.

VITALI, Marieli; CAVALER, Camila; SORATTO, Jacks; CASTRO, Amanda. “O mercado de trabalho é muito cruel”: Representações sociais de mulheres em sofrimento psíquico. **Barbarói**, v. 57, p. 44–64, 2020.

WOTTRICH, S.; ÁVILA, C.; MACHADO, C.; GOLDMEIER, S.; DILLENBURG, D.; KUHL, C.; IRIGOYEN, M.; RIGATTO, K.; RUSCHEL, P. Gênero e manifestação de stress em hipertensos. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 27–34, 2011.